UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

FERNANDO LUIZ GEWEHR HOPPE

AS PERCEPÇÕES TURCAS ACERCA DAS RELAÇÕES COM A RÚSSIA ENTRE 1991 E 2011

Porto Alegre
2018

FERNANDO LUIZ GEWEHR HOPPE

AS PERCEPÇÕES TURCAS ACERCA DAS RELAÇÕES COM A RÚSSIA ENTRE 1991 E 2011

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Érico Esteves Duarte

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Gewehr Hoppe, Fernando Luiz
As Percepções Turcas Acerca das Relações com a Rússia entre 1991 e 2011 / Fernando Luiz Gewehr Hoppe. -- 2018.
64 f.
Orientador: Érico Esteves Duarte.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Curso de Relações Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Percepções Turcas. 2. Relações Bilaterais. 3. Federação Russa. I. Esteves Duarte, Érico, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FERNANDO LUIZ GEWEHR HOPPE

AS PERCEPÇÕES TURCAS ACERCA DAS RELAÇÕES COM A RÚSSIA ENTRE 1991 E 2011

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, _____de _____de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Érico Esteves Duarte – Orientador
UFRGS

Profa. Dra. Analúcia Danilevicz Pereira
UFRGS

Prof. Dr. Paulo Gilberto Fagundes Visentini
UFRGS

Aos meus amigos e a minha família.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelos inesquecíveis quatro anos em lá estudei, andei pelos seus corredores, conheci pessoas incríveis e fiz grande amizades.

Aos amigos que fiz nessa Universidade, pessoas que nunca esquecerei e guardarei no fundo do coração.

Ao acesso à educação superior gratuita e de qualidade. As bolsas voltadas para estudantes provenientes de escolas públicas. Às políticas de inclusão social que trouxeram milhões até aqui. Um agradecimento ao sonho de um Brasil menos desigual e mais justo.

Finalmente, aos professores que me inspiraram a ser melhor, estudar e trabalhar mais. Me fizeram enxergar o mundo de outra maneira, abrindo-me as perspectivas.

“The Republic of Turkey and the Russian Federation, as two friendly and neighbouring countries, take note with satisfaction the important progress made in bilateral relations and cooperation towards multi-dimensional enhanced partnership”
(TURQUIA, 2009)

RESUMO

As relações entre Rússia e Turquia apresentaram profundas transformações no período posterior à Guerra Fria. Historicamente, os dois países estiveram em lados opostos em diversos momentos da história, protagonizando inúmeros conflitos ao longo de séculos de relacionamento. Contudo, em seguida à desintegração da União Soviética, os dois países apresentaram padrões de comportamento diferentes do que o habitual nas suas relações bilaterais. Em fins do século XX, os dois países iniciaram uma grande dinâmica de cooperação nos mais diversos níveis. O trabalho pretende analisar essas transformações nas dinâmicas bilaterais a partir das perspectivas turcas sobre tal relacionamento. Parte-se do princípio de que as percepções de um dado ator são um elemento fundamental para a construção de processos de cooperação ou competição. Nesse sentido, o trabalho pretende analisar a imagem projetada pela Rússia no pós Guerra Fria e suas repercussões nas perspectivas turcas acerca de tais projeções. Entende-se que, além de fatores inerentes às dinâmicas bilaterais, elementos externos às relações, como mudanças na estrutura internacional ou apenas acontecimentos conjunturais, devem influenciar as percepções turcas. O trabalho aborda os principais tópicos envolvendo as relações bilaterais russo-turcas entre os anos de 1991 e 2011, relacionando-os com as percepções turcas e as suas transformações. Tais perspectivas foram, de fato, transformadas principalmente por fatores relacionados à mudança da política externa desenvolvida pela Rússia, pelo conflito interno resultante da guerra ao PKK, por crises domésticas, pela convergência de interesses a partir dos anos 2000 e pelo descontentamento em relação aos seus aliados Ocidentais.

Palavras-chave: Turquia. Rússia. Percepções. Relações bilaterais. Pós Guerra Fria.

ABSTRACT

The relations between Russia and Turkey have undergone profound changes in the post-Cold War period. Historically, the two countries have been on opposite sides in several moments in history, leading to numerous conflicts over centuries of relationship. However, following the disintegration of the Soviet Union, the two countries exhibited patterns of behavior different from what is customary in their bilateral relations. By the end of the twentieth century, the two countries began a great dynamic of cooperation at the most diverse levels. This paper intends to analyze the transformations in the bilateral dynamics from the Turkish perspectives of such relationship. It is assumed that the perceptions of a given actor are a fundamental element for the construction of processes of cooperation or competition. In this sense, the paper intends to analyze the image projected by Russia in the post Cold War and its repercussions on the Turkish perspectives on such projections. It is understood that, in addition to factors inherent to bilateral dynamics, elements external to these relations, such as changes in the international structure or just conjunctural events, must influence Turkish perceptions. The paper covers the main topics involving Russian-Turkish bilateral relations between 1991 and 2011, relating them to Turkish perceptions and their transformations. Such perspectives were, in fact, transformed mainly by factors related to the change in the foreign policy developed by Russia, the internal conflict resulting from the war on the PKK, domestic crises, the convergence of interests from the 2000s and the discontent with its Western allies.

Keywords: Turkey. Russia. Perceptions. Bilateral Relations. Post Cold War.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparativo entre as diferentes percepções acerca das relações russo-turcas.... 54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Importações e Exportações turcas para a Rússia 46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIT – Agência de Cooperação Internacional Turca

AKP – *Adalet ve Kalkınma Partisi* (Partido da Justiça e Desenvolvimento)

CEEA – Comunidade Econômica Euroasiática

CEI – Comunidade de Estados Independentes

OCEMN – Organização de Cooperação Econômica do Mar Negro

CUP – Comitê para a União e o Progresso

EUA – Estados Unidos da América

OCE – Organização de Cooperação Econômica

OCX – Organização de Cooperação de Xangai

OCDE – Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico

ONU – Organização das Nações Unidas

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

OTSC – Organização do Tratado de Segurança Coletiva

PCEC – Plataforma para a Cooperação e Estabilidade do Cáucaso

PIB – Produto Interno Bruto

PKK – *Parti Karkerani Kurdistan* (Partido dos Trabalhadores do Curdistão)

PPEC – Pacto para a Paz e Estabilidade do Cáucaso

UE – União Europeia

UNFICYP – *United Nations Peacekeeping Force in Cyprus*

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO …….....12
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DAS RELAÇÕES BILATERAIS ……..... 17
3 AS DINÂMICAS DIPLOMÁTICAS DAS RELAÇÕES RUSSO-TURCAS ENTRE 1991 E 2011 …….....…….23
4 TÓPICOS CENTRAIS DAS RELAÇÕES BILATERAIS RUSSO-TURCAS ENTRE 1991 E 2011 27
4.1 ÁSIA CENTRAL…….....……...28
4.2 CÁUCASO …….....……..31
4.3 QUESTÃO DO ESTATUTO DOS ESTREITOS .....……35
4.4 QUESTÃO CHECHENA E CURDA …….....……..36
4.5 VENDA DOS MÍSSEIS RUSSOS PARA O CHIPRE GREGO …….....…39
5 PADRÃO DE COMPORTAMENTO E PERCEPÇÕES TURCAS …….....…...41
5.1 PADRÕES DE COMPORTAMENTO E PERCEPÇÕES ENTRE 1991 E 2001 41
5.2 PADRÕES DE COMPORTAMENTO E PERCEPÇÕES ENTRE 2001 E 2011 47
6 CONCLUSÃO 53
REFERÊNCIAS.....59

1 INTRODUÇÃO

As relações bilaterais entre Rússia e Turquia passaram por enormes variações ao longo do período posterior à Guerra Fria. Historicamente, as duas nações se colocaram em campos opostos, o que, observado superficialmente, poderia denotar uma tendência histórica à rivalidade. Desde o século XVIII, o Império Turco-Otomano e o Império Russo travaram mais de uma dezena de guerras pelo domínio sobre territórios no leste europeu, no Cáucaso e na Ásia Central. Depois da Segunda Guerra Mundial, os herdeiros desses impérios, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e Turquia, novamente se encontraram em diferentes campos político-ideológicos. Entretanto, as disputas geopolíticas, religiosas ou até ideológicas não impediram a cooperação entre as duas nações em inúmeros momentos. Tendo em vista a ruptura representada pela desagregação da URSS, o consequente fim da bipolaridade no Sistema Internacional, as transformações ocorridas internamente à Rússia e também em toda a região eurasiática, cabe analisar as transformações ocorridas nas percepções turcas acerca das relações bilaterais, os condicionantes e determinantes dessas mudanças e as principais áreas de conflito e/ou convergência de interesses desses países. As singularidades geopolíticas dos dois países acrescentam importância à análise, haja vista à multiplicidade de regiões envolvidas nas dinâmicas russo-turcas e a sobreposição de áreas de influência, na região do Mar Negro, do Cáucaso, do Oriente Médio e da Ásia Central.

Para Kelkitli (2018), as relações bilaterais russo-turcas podem ser divididas em diferentes fases. Este destacou três momentos no comportamento bilateral desses países após a independência russa e o fim do socialismo soviético. Após o conturbado colapso da URSS, as relações entre Rússia e Turquia enfrentaram um breve período de conflito e tensão relacionado à divergências quanto ao futuro dos países recém independentes da Ásia Central e do Cáucaso. Contudo, esse pequeno período de tempo em que ambas as partes testaram suas capacidades e estabeleceram os limites das suas esferas de influência logo se encerrou, ensejando, em seguida, uma dinâmica de cooperação percebida por determinado acadêmico como “parceria estratégica” (AKTÜRK, 2006).

Esse segundo momento que se iniciou em meados dos anos 2000, conheceu uma crescente cooperação entre os dois países, logrando uma parceria multidimensional à medida que os laços econômicos e comerciais se estreitaram. A convergência de interesses em diversas áreas-chave (principalmente a oposição à invasão do Iraque e posteriormente o descontentamento com o Ocidente) também foi um importante fator para esse nível de relacionamento. Esse período é marcado pelo crescimento da interdependência entre os dois

países e pela ascensão do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP) na Turquia e de Vladimir Putin na Rússia.

A terceira grande mudança nas relações entre Rússia e Turquia seria marcada pela derrubada de uma aeronave militar russa sob a alegação de violação do espaço aéreo turco, em 2015. Tal ato determinou o rompimento das relações bilaterais, o levantamento de sanções econômicas e inúmeros discursos inflamados por parte do presidente russo Vladimir Putin. Este momento seria o ápice do conflito representado pelas diferenças estratégicas no tocante à Guerra Civil Síria. Alguns meses depois, em seguida de um pedido de desculpas por parte do presidente turco Recep Tayyip Erdogan, as relações bilaterais voltaram a se amenizar, havendo o levantamento das sanções russas, o retorno das relações diplomáticas e das negociações no que se refere ao conflito sírio.

No período proposto para análise, entre 1991 e 2011, Rússia e Turquia têm, domesticamente, trajetórias semelhantes. A partir de 1991, Rússia enfrentou o problema do separatismo, do caos político-institucional e da grave crise financeira depois da abrupta abertura econômica. No mesmo período, Turquia lidava com uma verdadeira guerra contra as forças do PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão) e o acirramento da polarização da sua sociedade entre o secularismo e o islamismo. A partir dos anos 2000, os dois países obtêm uma maior estabilização doméstica e ensejam um forte crescimento econômico, ao mesmo tempo em que as estruturas democráticas de ambos os Estados se deterioram (AKTURK, 2006). A análise das percepções turcas em relação à cenários tão distintos se faz, portanto, necessária.

A teoria não é unânime no que se refere ao modo como avaliar corretamente as percepções de um Estado. Para Jervis (2017), para entender o comportamento internacional de um Estado é necessário entender os objetivos, crenças e percepções dos tomadores de decisão. Nesse sentido, a dedução de que todas as decisões tomadas por um Estado serão sempre racionais ou que o Estado estará sempre atuando no intuito de proteger/garantir seus interesses nacionais se torna insuficiente, haja vista a imprecisão de muitas das percepções dos tomadores de decisão. Indivíduos são influenciados por diversos fatores objetivos e subjetivos que condicionam suas percepções das coisas. Sistemas de crenças são construídos baseados em fatores muitas vezes não racionais que forçam a construção de pré-conceitos acerca das mais diversas matérias. O comportamento dos indivíduos também é relacionado à sua autoimagem e sua identidade, ocorrendo que a forma como se percebe os outros muitas vezes é relacionado com a autopercepção. Nesse sentido, a percepção de um Estado como agressivo pode resultar da autopercepção do próprio Estado como pacífico. Como resume Jervis (in MONROE, 2002,

p. 294, tradução nossa): "Atores interpretam informações sobre o ambiente, os outros, e o próprio comportamento para reforçar suas auto concepções". A tomada de decisão também é condicionada pelo tempo utilizada para tomá-las. Decisões imediatistas tendem a ser mais fortemente influenciadas pelas experiências passadas, emoções, intuições e outros fatores subjetivos. Decisões construídas em um período maior de tempo tendem a ser mais racionais e consensuais, entretanto, a demora na tomada de decisão pode fazer com que se incorra em um maior custo para implementação da mesma, havendo, dessa forma, um *trade-off* entre o tempo utilizado para a tomada de decisão e o resultado de sua implementação.

Nesse ambiente de incertezas, atores precisam predizer as ações dos demais, assim como também desejam com que os outros atores façam a previsão desejada de seu próprio comportamento. Assim, as ações dos atores sinalizam aos outros agentes certas imagens que podem ou não ser reais, o que pode ser intencional ou não. De tal maneira, Estados projetam certas imagens, reais ou não, que são percebidas de uma forma ou de outra pelos demais Estados envolvidos. Dessa forma, no estabelecimento de suas políticas externas, os Estados precisam estimar o que os demais farão e como estes poderiam atuar mediante comportamentos alternativos. Além disso, devem tentar inferir como esses sinais serão percebidos pelos outros Estados. Assim sendo, uma metodologia para compreender as percepções deve partir dos sinais emitidos, ou a imagem que um país tenta projetar e as atitudes que este toma neste sentido, e então, partindo para as percepções do ator receptor, analisar a forma como os sinais o influenciam e as inferências que este faz em relação ao outro ator (JERVIS in MONROE, 2002).

A teoria nos informa de que não só as capacidades de um Estado e suas intenções determinam o modo como outros Estados se relacionam com este. O relacionamento entre os Estados é afetados principalmente pela percepção de ameaça adquirido por um Estado em relação ao outro, percepção tal criada por sinalizações que o outro emitiu, propositadamente ou não. Stein (2013) se contrapõe a ideia de que apenas a percepção das intenções de um Estado e a percepção de suas capacidades são o suficiente para a avaliação da ameaça percebida. Pelo contrário, inúmeros processos envolvidos na dinâmica cognitiva dos atores envolvidos, como vieses cognitivos, sistemas heurísticos, baixa capacidade estimativa, aversão ao risco, enquadramento, entre inúmeros outros, resultam em percepções de ameaça super ou subestimadas.

Posto isto, pretende-se, portanto, abordar as percepções do Estado Turco acerca das relações bilaterais entre este e a Rússia. Nesse sentido, o trabalho busca se limitar, principalmente, à percepção turca da intencionalidade do Estado Russo, à fatores domésticos à Turquia que poderiam ter alterado a percepção que as lideranças de Ankara tem em relação à

Rússia, e a acontecimentos conjunturais que tenham condicionado tais percepções. Tais elementos seriam fundamentais para a construção da percepção de ameaça e consequentemente, na cooperação ou competição existente entre os dois Estados nos períodos abordados. Nesse sentido se buscou por meio de documentos, dados econômicos e fatos inferir a percepção turca acerca das relações em um dado período, tendo como base também a literatura mais estabelecida acerca do tema.

O trabalho se limita ao período delimitado entre os anos de 1991 e 2011, haja vista a dificuldade técnica e metodológica de apreender os acontecimentos mais recentes e a provável escassez material e bibliográfica nesse sentido. O fim do período delimitado justifica-se pela pelos importantes acontecimentos que abalaram toda a região do Oriente Médio a partir de 2011 na chamada Primavera Árabe e as transformações ocorridas na balança de poder com a anexação russa da Crimeia em 2014. Tais ocorrências não só estremeceram e transformaram profundamente as relações russo-turcas como também as relações destes dois países com as principais potências ocidentais e os demais países da região. Desse modo, se faz necessário uma análise privilegiada e mais detalhada do período posterior a 2011, tema que não poderia caber neste trabalho.

A pesquisa pretende, portanto, analisar quais são as percepções turcas acerca das relações entre Rússia e Turquia, as causas de suas variações e as principais áreas de convergência e divergência entre o fim da Guerra Fria e 2011 em que se tornam perceptíveis essas mudanças. Parte-se da hipótese de que a motivação que resultou em competição ou cooperação nas diversas fases do relacionamento russo-turco está relacionada com a forma como a Turquia percebe o Estado Russo. De tal maneira, a cooperação estaria relacionada a percepções mais positivas e a competição à percepções mais negativas. Assim, pretende-se realizar tal análise.

Cabe esclarecer que explicações de cunho teórico liberal não se aplicam às variações nas relações bilaterais russo-turcas. Como já demonstrou Akturk (2006), teorias que associam a cooperação entre os dois países ao nível de comércio bilateral, a teoria da Paz Democrática e das Instituições Internacionais não são capazes de explicar as variações ocorridas nas relações entre os dois países.

A análise se baseia em um amplo levantamento bibliográfico em fontes secundárias como periódicos especializados em política externa turca ou russa e livros que tratam do assunto, além do uso de fontes primárias russas e turcas, tais quais estatísticas econômicas, notícias, discursos e documentos oficiais. O trabalho se divide em seis parte. A primeira (capítulo 2) de cunho mais introdutório, busca realizar uma pequena contextualização histórica

das relações bilaterais, de modo a entender como estes países se relacionavam até o fim da Guerra Fria. Em seguida (capítulo 3), parte-se para uma exposição de como as relações diplomáticas entre os dois países se desenvolveram desde 1991 até 2011, trazendo os principais tratados, protocolos e documentos assinados entre estes. O próximo ponto (capítulo 4) pretende levantar quais as principais questões e acontecimentos que marcaram o relacionamento dos dois Estados nesse período, de modo a ilustrar a análise das percepções turcas do capítulo que se segue (ponto 5). Por fim, é realizada uma conclusão do assunto, de modo a resgatar os principais pontos, sintetizar o trabalho e fazer considerações finais.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DAS RELAÇÕES BILATERAIS

O início de uma relação mais direta e intensa entre russos e turcos se dá no século XVIII, quando iniciam-se importantes embates pelo domínio sobre a Crimeia e os Balcãs. Tal intento baseava-se na vontade do Império Russo de obter acesso aos mares quentes, o que, para estes significava obter hegemonia sobre o Mar Negro, acesso aos Estreitos de Bósforo e Dardanelos e domínio sobre a Crimeia (OYE, 2006). A posição geográfica do Império Turco-Otomano representava um obstáculo aos anseios russos além de uma forte ameaça ao sul de seu território, já que durante séculos, o Império Turco-Otomano ainda se estenderia por enormes porções de terra, da Europa ao Oriente Médio.

A expansão em direção ao Mar Negro seria uma constante na política externa russa até meados da Primeira Guerra Mundial e resultaria em constantes confrontos com o Império Turco-Otomano. Em 1738, os russos obtém pela primeira vez uma posição junto ao Mar de Azov, resultado do Tratado de Nis. Pelo Tratado de Kucuk Kainarji, de 1774, os turcos concederam aos navios mercantes russos o direito ao livre trânsito pelos Estreitos Turcos e a independência à Crimeia (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2018). A política interna dessa região acabou demonstrando-se extremamente instável, com ambas as potências exercendo pressões na esfera doméstica desse novo país. O Império Russo decidiu pela anexação da região, em 1787.

Em 1833, os Impérios Russo e Turco-Otomano acordam o Tratado de Hunkar Iskelesi, o pacto mais favorável aos interesses russos já realizado sobre a questão dos Estreitos Turcos. O acordo permitia a livre navegação de navios militares russos pela região e fechava os estreitos para embarcações estrangeiras em caso de guerra com um dos Impérios. Assim, garantia-se a completa segurança russa no que se refere às suas posições no Mar Negro e os dois Impérios formavam, de fato, uma aliança defensiva. O acordo garantiu a supremacia russa no Mar Negro e representava uma ameaça ao domínio inglês sobre o Mar Mediterrâneo (GÖKAY, 2006).

A nova conformação da distribuição de poder no Mar Negro tornou o Império Russo uma ameaça constante ao Sultanato de Constantinopla e sua consequente submissão poderia desestabilizar a estrutura da balança de poder europeia[1] (FULLER, 1992). Tal questão seria

[1] O conceito de balança de poder é relativamente antigo, já sendo usado em meados do século XVIII. Na definição de Fenelon (1835): "ação de um Estado para evitar que seus vizinhos tornem-se fortes em demasia... porque o engrandecimento de uma nação acima de um certo limite transforma o sistema geral de todos os outros vizinhos... atenção à manutenção de certa igualdade e equilíbrio entre Estados vizinhos". Na definição de Morgenthau (1978): “refere-se à um estado real de relações em que o poder é distribuído entre várias nações com uma aproximada igualdade” (apud SHEEHAN, 2000);

elemento fundamental na Guerra da Crimeia, em que as potências ocidentais e o Império Turco-Otomano se uniram para conter os russos, que esperavam fragmentar este já decadente Império e exercer maior influência sobre toda a região (FULLER, 1992).

A Guerra da Crimeia foi encerrada de fato pelo Tratado de Paris, em 1856, por meio do qual, pela primeira vez, o Império Turco-Otomano era considerado uma potência europeia e sua integridade territorial garantida pelos demais países ocidentais. O Império Russo seria fortemente enfraquecido pelo conflito e passaria por um longo período de reformas internas. Suas conquistas no Tratado de Hunkar Iskelesi também foram neutralizadas com a desmilitarização do Mar Negro (DONALDSON; NADKARNI; NOGEE, 2015). Contudo, a região voltou a ser militarizada a partir de 1870 e entre 1877-1878 os dois Impérios se enfrentaram novamente pelo domínio sobre os Balcãs, conflito este em que os russos garantiram a independência, pelo Tratado de Berlim, da Romênia, da Sérvia e de Montenegro.

A questão dos Estreitos Turcos continuou sendo relevante nas relações bilaterais dos dois Impérios até 1917. Entretanto, em fins dos séculos XIX e início do XX, ambos países encontravam-se em franca decadência e lutavam pela própria existência. De qualquer forma, a integridade territorial turca e seu domínio sobre os Estreitos era garantida pelas potências europeias e Moscou nada podia fazer para alterar o *status quo.*

Na Primeira Guerra Mundial, novamente, os dois Impérios se encontraram de lados opostos. Apesar das alianças entre as potências terem sido realizadas a despeito das principais questões envolvendo as relações russo-turcas, o maior objetivo russo no conflito, a partir de 1916 com aprofundamento da crise político-social, foi resolver o problema dos Estreitos Turcos, submetendo Constantinopla. A pretensão de dominar a região remete à períodos anteriores da história russa, mas em 1916 a conquista de Tsargrado[2] foi percebida como fator de união na sociedade russa, podendo ensejar o fim dos conflitos existentes na sociedade e postergar a realização de reformas mais profundas (GOEMANS, 2000). Entretanto, os custos da guerra e a consequente Revolução levaram os russos a abandonar o conflito e fazer a paz com o Império Turco-Otomano por meio do Tratado de Brest Litovsk, em 1918.

Na Turquia, o CUP (Comitê para a União e o Progresso) que então dominava a cena política do Império e governava de fato desde 1908, utilizou-se do período de guerra para realizar amplas reformas internas de cunho secularizante e europeizante. Entretanto, a derrota

[2] O termo "Tsargrado" refere-se à Constantinopla/Istambul. Tal nome era comumente usado pela Igreja Ortodoxa Russa no período. (GOEMANS, 2000);

da Tríplice Aliança[3] acabou decretando o fim do Império e acarretou a sua fragmentação. Pelo Armistício de Mudros, de 1918, as nações da Tríplice Entente ocuparam militarmente os Estreitos e tomaram o controle do território turco. No Tratado de Sèvres, de 1920, as potências ocidentais propuseram a partição do Império.

A resistência à ocupação estrangeira ocorreu imediatamente sob a liderança de Mustafa Kemal, que então formou um governo paralelo em Ankara. Este governo assinou, em 1921, Acordo de Paz com a Armênia Soviética[4] e estabeleceu Tratado de Amizade, em 1921, com a Rússia Soviética que estava em vias de formar a URSS. Pelo Tratado, que seria a base das relações bilaterais entre os dois países nos anos subsequentes, se reconhecia o governo de Ankara como legítimo representante do povo turco, resolvia-se a questão fronteiriça (BENLI; TÜR, 2005) e os dois países se comprometiam a lutar contra o imperialismo (GÖKAY, 2006). Concordava-se também a legítima vontade dos povos de estabelecerem sua própria forma de organização social e se concebia a necessidade de criação de um estatuto para os Estreitos aprovado por todos os países litorâneos ao Mar Negro sem o prejuízo à soberania e a segurança turca (DEFENCE COUNCIL OF WESTERN ARMENIA, 2018). O Tratado de Amizade ensejou posteriormente no apoio militar e financeiro da Rússia Bolchevique às forças independentistas da Turquia (BENLI; TÜR, 2005). Para os soviéticos, a Guerra de Independência Turca se tratava de uma luta contra o imperialismo e, se bem sucedida, afastava esse país da esfera de influência britânica e garantia maior segurança à existência de seu próprio Estado (GÖKAY, 1994). Além disso, relações amistosas com a Turquia revolucionária poderiam aproximar esse país aos ideais manifestados pelo Estado Bolchevique. Nesse sentido, em 1921, Rússia e Turquia também assinaram o Tratado de Kars, que estabeleceu as fronteiras e relações de amizade com repúblicas soviéticas do Cáucaso, nomeadamente a Armênia, a Geórgia e o Azerbaijão.

Em 1923, com o Tratado de Lausanne, a República da Turquia é estabelecida de fato e reconhecida pelas demais potências europeias. Na Liga das Nações e nas negociações de feitura deste Tratado, as novas autoridades de Ankara apresentaram o país como "terra de turcos e curdos", bem como o seu governo como o legítimo representante de ambas as nacionalidades. Entretanto, o Tratado de Lausanne ignorou a população curda e, de fato, com a nova

[3] A Tríplice Aliança era formada pelo Império Alemão, Austro-Húngaro e o Reino da Itália. Turquia havia firmado tratado de aliança com o Império Alemão e entrou na guerra sob esse justificativa (YANIKDAG, 2018);

[4] O conflito com a Armênia resulta de sua independência em relação ao Império Turco-Otomano e a consequente disputa de fronteiras daí resultante. Envolveu as forças nacionalistas turcas, o Exército Vermelho, bolcheviques armenos e o governo socialista da Armênia. A questão de fronteiras foi definitivamente encerrada com o Tratado de Kars (1921).

Constituição Turca a identidade curda não foi mais oficialmente reconhecida pelo governo de Ankara e passou a ser sistematicamente omitida (GÖKAY, 2006).

Dois anos depois do acordo em Lausanne, seguido de conflito com o Reino Unido acerca da soberania sobre Mosul[5], os turcos acordam com a URSS um pacto de não-agressão, o Acordo de Amizade e Neutralidade, que seria renovado até 1935. As relações amistosas nesse período são, para Akturk (2006), reflexo da fraqueza dos dois Estados vis-à-vis as potências europeias. Nesse sentido, os dois países buscariam mútuo apoio em um período em que ambos vivenciavam guerra civil interna e ameaças estrangeiras. Com a estabilização de seus respectivos regimes, os conflitos bilaterais voltariam à tona. Defere-se dessa perspectiva uma certa tendência à antagonização entre os dois países, causada, principalmente pelos fatores geopolíticos envolvidos, como a questão dos Estreitos, o domínio sobre o Mar Negro ou a questões securitárias envolvendo as fronteiras.

A partir de 1930, as relações entre Turquia e as potências ocidentais melhoraram crescentemente, especialmente com o Reino Unido por conta do expansionismo italiano no Mar Mediterrâneo[6]. A aproximação entre esses países passou a ser vista negativamente pela URSS, que até então estava isolada do restante da Europa pelo cordão sanitário imposto pelas potências ocidentais[7]. Além disso, a forte repressão às ideias comunistas no âmbito doméstico da Turquia prejudicou as relações entre os dois países. Com essa perspectiva, em 1935, a URSS denunciava o Tratado de Amizade e Neutralidade, dez anos após a sua assinatura. Quando da revisão da questão dos Estreitos presente no Tratado de Lausanne, em 1936, na Convenção de Montreux, URSS e Turquia demonstraram novas divergências acerca do trânsito de navios de guerra pelos Estreitos Turcos. Depois de insistência soviética, a Turquia acabou cedendo o direito às potências do Mar Negro de atravessar tais estreitos até o Mar Mediterrâneo mesmo em tempos de paz (LUCA, 1977).

A cooperação entre os dois países terminou de fato com o revisionismo soviético acerca da soberania sobre os Estreitos e sobre territórios turcos na região da Anatólia, em 1939. Com a iminência da Segunda Guerra Mundial, Stalin, percebendo um crescente expansionismo nazifascista, passou a exercer pressão sobre a Turquia para exercer co-soberania sobre os

---

[5] A questão de Mosul refere-se a uma contenda entre Turquia e Grã-Bretanha acerca da soberania sobre a tal província. Com a partição do território otomano, a província acabou sendo entregue ao Iraque à despeito da vontade turca de manter este território rico em petróleo (BENLI; TÜR, 2005);

[6] A Itália já estava presente nas ilhas Dodecaneso, na entrada do Mar Egeu, antes da Primeira Guerra Mundial. Com a ascensão de Mussolini, inicia-se uma política de expansionismo fascista principalmente na região dos Balcãs e junto ao Mar Mediterrâneo, causando suspeição na Turquia (BARLAS, 2005);

[7] Após a Revolução Bolchevique, a Rússia Soviética foi isolada do resto da Europa por um cordão de países anticomunistas (Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia e Romênia) (HOBSBAWM, 1997);

Estreitos. Tal intento foi repelido pelos turcos com a aliança destes com a França e o Reino Unido. Mesmo assim, a Turquia buscou incluir a URSS em sua aliança militar, principalmente, por conta da memória histórica da 1ª Guerra Mundial e da terrível expectativa de ser arrastada para um confronto com este país (BENLI; TÜR, 2005). O Pacto Germano-Soviético destruiu os intentos turcos de incluir os soviéticos e concluiu a aliança anglo-franco-turca, sem, no entanto, gerar qualquer obrigação à Turquia de entrar em guerra com seu vizinho do norte. Mais do que a Alemanha, a URSS era percebida como a maior ameaça aos olhos das lideranças turcas (BENLI; TÜR, 2005).

Com o início da guerra, Turquia se negou a participar dos conflitos, argumentando para seus aliados franceses e ingleses que tal ação poderia colocá-la em guerra contra a URSS. Em 1941, Turquia acordava um Pacto de Não-Agressão com a Alemanha nazista, apesar de sua aliança anterior, de 1939. Contudo, em 1941, a Alemanha também rompia o Pacto de Não-Agressão Germano-Soviético, o que levou os turcos a buscar a completa neutralidade na guerra. Quando a URSS se aliou às potências aliadas, as lideranças turcas passam a temer um conluio entre soviéticos e ingleses para dividir o território turco. O posicionamento turco na guerra acabou acarretamento na deterioração das relações turco-inglesas e uma certa perspectiva de descrédito desta em relação às potências ocidentais.

Durantes as Conferências de Yalta, São Francisco e Potsdam, em 1945, Stalin propõe uma nova revisão da Convenção de Montreux, o que a princípio foi visto positivamente pelas demais potências lá presentes. Com isso em vista, a URSS declarou o fim do Tratado de Amizade e Não-Agressão estabelecido com a Turquia em 1925, apesar da denúncia já haver sido realizada anteriormente. Além do estabelecimento de bases soviéticas nos Estreitos Turcos, os soviéticos demandaram a cessão de partes do território turco, a região de Kars e Ardahan (HOWARD, 1970). Contudo, os atritos entre URSS e os Estados Unidos da América (EUA) se tornavam cada vez mais pronunciados e as demandas soviéticas acabaram aproximando a Turquia ao bloco ocidental. Com a ratificação da Doutrina Truman, em 1947, a Turquia passava a ser considerada região estratégica para a contenção do comunismo e destino de forte auxílio militar e econômico após ser incluída no Plano Marshall. Posteriormente, em 1952, Turquia também foi incluída na Aliança do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e, então, definitivamente adentrou a esfera de influência estadunidense.

Com a ascensão de Khruschev ao poder soviético, as relações bilaterais voltaram a suavizar-se. Depois de diversas trocas de visitas oficiais e a oficialização por parte dos soviéticos de que a política adotada por Stálin estava equivocada, as relações se normalizaram.

A URSS veio a apoiar a primeira intervenção turca no Chipre[8] e, mesmo se opondo à segunda intervenção, buscou não se antagonizar à Turquia, defendendo a independência e integridade do país. Em fins dos anos 1970, URSS e Turquia assinaram diversos tratados no âmbito econômico e político. De fato, a Turquia, à exceção de Cuba, se tornou a maior recebedora de assistência económica do Terceiro Mundo e contou com o apoio soviético em diversas outras matérias sem, no entanto, se afastar de sua aliança geo-estratégica global (BENLI; TÜR, 2005). Tais ações foram reflexo do período de *détente*[9] entre URSS e EUA, o que garantiu a Turquia e aos demais países do Terceiro Mundo uma certa margem de manobra dentro do conflito geopolítico global.

Durante os anos 1980, a Guerra Fria tomou um novo impulso e as relações bilaterais entre URSS e Turquia esfriaram-se. O governo de Ankara voltou a se aproximar de Washington haja vista a percepção do aprofundamento da instabilidade no Oriente Médio por conta da intervenção soviética no Afeganistão e da Revolução Iraniana. Para os EUA, a Turquia voltava a ser essencial para a contenção da URSS e ambos os países assinaram novos acordos de cooperação econômica e militar. Assim mesmo, Turquia e URSS assinaram acordos na área de comércio de gás natural, em 1984 e de comércio em geral, já em 1989 (BENLI; TÜR, 2005).

[8] A Intervenção Turca no conflito cipriota, em 1974, ocorreu após o governo militar da Grécia derrubar o então Presidente Makarios do Chipre, que buscava unificar a ilha e liquidar os conflitos étnicos. A Turquia buscou proteger a comunidade turca cipriota no norte da ilha e restabelecer a ordem constitucional. Entretanto, mesmo após o colapso do governo golpista e o restabelecimento da ordem constitucional, os turcos mantiveram a ocupação de cerca de ⅓ da ilha (THEOPHANUS, 2017)

[9] Período de afrouxamento e suavização da tensão nas relações entre EUA e URSS iniciado em fins de 1960 e encerrado em 1980. A partir desse ano, o conflito voltou a se acirrar com a vitória de Reagan nas eleições estadunidenses e a nova corrida armamentista desenvolvida neste governo (HOBSBAWM, 1997)

3 AS DINÂMICAS DIPLOMÁTICAS DAS RELAÇÕES RUSSO-TURCAS ENTRE 1991 E 2011

Com o fim da URSS, as relações bilaterais entre Turquia e Federação Russa são estabelecidas com o "Tratado sobre os Princípios das Relações entre a República da Turquia e a Federação Russa", em 1992, quando da visita oficial do Primeiro Ministro Turco Suleyman Demirel à Moscou. Nesse documento são firmados os princípios básicos que viriam a regulamentar as relações bilaterais entre os países, destacando-se o respeito à integridade territorial, a não-intervenção em assuntos domésticos, abstenção do uso da força, resolução pacífica de conflitos, neutralidade no caso de ataque de terceiro à uma das partes e proibição do uso de seus territórios para atividades separatistas ou destruidoras (TURQUIA, 2018c). Nessa mesma ocasião, 13 acordos firmados com a antiga URSS também foram validados para a Rússia (AYIN TARIHI, 1992).

No mesmo ano, os dois países assinaram a "Declaração para a Cooperação Econômica do Mar Negro", em cerimônia realizada em Istambul com a presença do Presidente Russo Boris Yeltsin, juntando-se à ele representantes da Albânia, Armênia, Azerbaijão, Bulgária, Geórgia, Grécia, Moldávia, Romênia e Ucrânia. Pela declaração criava-se a Organização de Cooperação Econômica do Mar Negro (OCEMN) por meio da qual procura-se desenvolver economicamente os países envolvidos, integrar a região e criar um mecanismo de consultas e resolução de conflitos (ORGANIZAÇÃO DA COOPERAÇÃO ECONÔMICA DO MAR NEGRO, 2018). Os Chefes de Estado ou de governo se reúnem a cada cinco anos na Reunião de Cúpula, em Istambul. Em Moscou, o Ministro do Interior Turco Ismet Sezgin também assinava acordos de cooperação de combate ao terrorismo (RÚSSIA, 2001).

Em 1993, o Primeiro Ministro Turco Tansu Çiller realizou visita oficial à capital russa onde acordou-se a criação de um Grupo de Trabalho Russo-Turco para a cooperação nas áreas de telecomunicações, energia, indústria e transferência tecnológica (RUYSDAEL, YÜCEL, 2002). Em Ankara, também assinou-se um protocolo de boa vontade para a cooperação nas áreas militar e da indústria de defesa. Um ano depois, os Ministros da Defesa dos dois países assinam o "Acordo de Cooperação em Assuntos Técnico-Militares e na área de Indústria de Defesa". O acordo tinha o objetivo de estender a cooperação na área de desenvolvimento, produção e oferta de suprimentos de defesa e serviços, além de criar programas conjuntos, o intercâmbio de informações técnicas e a criação de uma comissão conjunta (KELKITLI, 2017).

Em 1995, após trocas de acusações mútuas referente ao auxílio político e militar da Rússia e Turquia aos separatistas chechenos e curdos, respectivamente, o Ministro do Interior

Turco Nahit Mentese, quando de sua visita à Moscou, assina o "Protocolo para Prevenção de Terrorismo" (AYIN TARIHI, 1995). Por meio deste documento, o Estado Russo se comprometeu a proibir as atividades do PKK e a Turquia comprometia-se a acabar com as atividades pró-chechenas em seu território. Esse entendimento foi reforçado pelo documento criado no ano seguinte, "Memorando de Cooperação contra o Terrorismo", assinado pelos Ministros de Relações Exteriores dos dois países (KELKITLI, 2017; TURQUIA, 1996). Nele, define-se perspectivas em comum quanto a prevenção a atos terroristas, o intercâmbio de informações e a detenção de criminosos.

O Primeiro Ministro Russo Chernomyrdin realizou visita oficial à Ankara, em 1997, momento em que assinaram-se cerca de 10 acordos de investimento e de assuntos consulares, entre eles o acordo para a construção gasoduto Blue Stream (TURQUIA, 2018d). Tal visita foi a primeira realizada por um Primeiro Ministro russo desde a fundação da Federação Russa (AYIN TARIHI, 1997; RUYSDAEL, YÜCEL, 2002). Em 1998, ocorreu importante encontro do Chefe do Estado-Maior General Ismail Karadayi com o Comandante das Forças Armadas Russas, assinando-se um "Memorando de Entendimento" pelo qual os dois Estados expressaram seu desejo no aprofundamento da cooperação militar e no Mar Negro (TURQUIA, 1998). Em visita do Primeiro Ministro Turco Bülent Ecevit à Moscou, em 1999, Rússia e Turquia assinaram a "Declaração Conjunta sobre o Combate ao Terrorismo", além de outros protocolos relacionados à abolição de vistos para passaportes diplomáticos (TURQUIA, 1999b), cooperação na área veterinária (TURQUIA, 1999a) e de informação (TURQUIA, 1999c). Além disso propôs-se a criação de uma Comissão Econômica Conjunta para acelerar o desenvolvimento de ambas as economias (RUYSDAEL, YÜCEL, 2002).

A partir do ano 2000, começam a haver fortes mudanças qualitativas nas relações russo-turcas com a ascensão de Vladimir Putin à Presidência da Rússia. Depois de diversos encontros oficiais neste ano, surge a proposta de ambas às partes à elevação das relações bilaterais ao nível de parceria estratégica (AYIN TARIHI, 2001), expandindo às relações multidimensionalmente e criando uma agenda em comum de cooperação na Eurásia (TURQUIA, 2018c). Em 2001, os Ministros de Relações Exteriores de ambos os países, em encontro em Nova York, assinam o "Plano de Ação para Cooperação na Eurásia - De Bilateral para Parceria Multilateral". Nesse documento, ressalta-se que transformações ocorridas no mundo "abriram uma nova etapa nas interações entre Turquia e Rússia caracterizada pelas oportunidades de desenvolvimento frutífero da cooperação bilateral e regional em todos os campos no espírito de amizade e confiança mútua" (TURQUIA, 2018c). O plano também traça a criação de um Grupo de Trabalho Conjunto entre os Ministérios de Relações Exteriores por

meio do qual poderiam realizar-se consultas e prospecções sobre o melhoramento das relações bilaterais e regionais. O Grupo de Trabalho também poderia servir como importante instrumento para o combate ao terrorismo internacional e ao aumento da cooperação nas mais diversas esferas (RÚSSIA, 2001).

A cooperação militar entre os dois países se fortaleceu nos encontros, em 2002, do Comandante do Estado-Maior Russo General Anatoly Kvashnin e seu congênere turco General Hüseyin Kıvrıkoğlu. Os dois assinaram "Acordo-Quadro sobre Cooperação na Área Militar" e "Acordo sobre Cooperação no Treinamento Militar" (AKTURK, 2006). No mesmo ano, assinou-se o "Protocolo sobre a Formação de Comissão Conjunta" referenciado em documentos pré-existentes de 2000 e 1994, que tratava de cooperação militar e da indústria de defesa (TURQUIA, 2002).

A eleição do AKP na Turquia em 2002 fortalece ainda mais as relações bilaterais entre Rússia e Turquia. A política externa turca adota novas perspectivas, baseadas nos conceitos de "profundidade estratégica" e "política de zero problema" (ARAS, 2009), tornando-se, ao longo da primeira década dos anos 2000, cada vez mais voltada para o multilateralismo, para a perspectiva da Turquia como ator pivotal tanto regional quanto globalmente e para o fomento de relações amistosas e frutíferas com todos os seus vizinhos (ONIS, 2015). Nesse novo clima das relações externas turcas, ocorre a visita do Ministro de Relações Exteriores Abdullah Gul à Moscou, em 2004, ocasião em que se assinam o "Programa de Consultas entre os Ministérios de Relações Exteriores da Turquia e da Rússia 2004-2005", criando um ambiente institucional e regular para o processo de consultas bilaterais. As consultas poderiam realizar-se sobre os mais variados aspectos, tanto econômicos quanto de combate ao terrorismo (TURQUIA, 2018c).

No fim desse mesmo ano ocorre a visita oficial de Vladimir Putin à Turquia, a primeira visita de um Chefe-de-Estado russo em 32 anos. Com uma ampla agenda visando a cooperação nas áreas de energia, defesa, economia, combate ao terrorismo, e problemas regionais como o Chipre, o Cáucaso e o Oriente Médio (RÚSSIA, 2004b). Na ocasião, as lideranças dos dois Estados assinaram 7 documentos. A parceria entre os dois Estados foi reafirmada pela "Declaração Conjunta sobre a Crescente Amizade e Parceria Multilateral entre Rússia e Turquia". São, também, firmados acordos para a prevenção de incidentes fora dos mares territoriais, proteção mútua de atividades de inteligência, de informações secretas, de cooperação entre bancos, além de memorando sobre a cooperação de instituições acadêmicas e empresas (RÚSSIA, 2004c).

No ano de 2005, o Primeiro Ministro Turco Recep Tayyip Erdogan visita a capital russa em três oportunidades (TURQUIA, 2018c). Nessas ocasiões inaugurou-se um Centro de Comércio Turco, o Primeiro Ministro participou do 60º Dia da Vitória e manteve diálogo com o Presidente Putin. Em 2006, os dois países atuaram junto na "Operação Black Sea Harmony", aprofundando a cooperação nas áreas de defesa e combate ao terrorismo (TURQUIA, 2018c). Por meio do "Memorando de Entendimento do 4º Encontro do Grupo de Trabalho Conjunto sobre Combate ao Crime Organizado Transnacional e Terrorismo", de 2007, essa cooperação foi reiterada (TURQUIA, 2018i).

No ano de 2008, após a crise da Geórgia, os dois países se esforçam para que a questão não contamine suas relações bilaterais. Depois dos acontecimentos, o Primeiro Ministro Erdogan foi o primeiro a visitar a Rússia e a Geórgia, ocasiões em que propôs a criação de um sistema de segurança regional para o Cáucaso (WEITZ, 2010). Em conferência de imprensa, os ministros de relações exteriores dos dois países declaram apoio a criação de tal organização (RÚSSIA, 2008).

Em 2009 as relações bilaterais retomam certo ímpeto que apresentavam até então. O Presidente Turco Abdullah Gul, em Moscou, assinou junto às lideranças russas a "Declaração Conjunta entre Turquia e Rússia sobre o Progresso para uma Nova Etapa nas Relações e o Futuro Aprofundamento da Amizade e Parceria Multidimensional". Neste documento, são destacados os efeitos positivos de todos os esforços de cooperação e integração realizados até então. No mesmo ano, em decorrência de uma visita oficial de Putin à Ankara, Turquia e Rússia firmaram mais de 20 protocolos sobre diversas matérias. Entre eles houveram os acordos sobre os gasodutos South Stream e Samsun-Ceyhan, a proposta da construção de uma usina nuclear na Turquia, além de questões relacionadas à economia, ciência e cultura (RÚSSIA, 2009).

Em 2010, o Presidente Russo Dimitri Medvedev realiza visita oficial a Ankara na qual assinaram-se 16 documentos sobre os mais variados tópicos, entre eles acordos sobre transporte aéreo, transporte marítimo, de cooperação entre os ministérios do interior, um memorando sobre o tráfico de drogas, sobre requerimento de vistos, sobre a construção da usina nuclear em Akkuyu e a organização de linhas férreas entre os dois países. Em reunião com o Recep Erdogan, definiu-se a criação do Conselho de Cooperação de Alto-Nível entre os dois países, realizando-se a primeira reunião na ocasião (RÚSSIA, 2010).

4 TÓPICOS CENTRAIS DAS RELAÇÕES BILATERAIS RUSSO-TURCAS ENTRE 1991 E 2011

As relações bilaterais entre Rússia e Turquia passaram por perceptível transformação a partir do século XXI. Nos anos 1990, tais relações ainda são marcadas pela competição e rivalidade. Já na primeira década de 2000, o relacionamento entre os dois países reorienta-se e passa a ser caracterizado, principalmente, pelo aprofundamento da cooperação nos mais diversos âmbitos. De fato, os anos 1990 foram denotados por uma sequência de crises entre os dois países, começando pelo conflito em Nagorno-Karabakh em 1992, a questão do estatuto dos Estreitos Turcos em 1994, o início da Guerra da Chechênia no mesmo ano e a venda dos mísseis ao Chipre Grego em 1997. Percebe-se um grande conflito entre os dois países pela influência no Cáucaso e na Ásia Central.

Ao longo do período delimitado entre o surgimento da Federação Russa e o ano de 2011, as percepções turcas acerca das relações bilaterais sofreram manifestas transformações, impulsionadas por mudanças na política externa, no comportamento internacional do Estado Russo e por mudanças domésticas à Turquia. Além de questões geopolíticas e estratégicas, as relações bilaterais também são influenciadas marcadamente por problemas geoeconômicos, principalmente o transporte de gás e petróleo pelos Estreitos e por dutos terrestres e marítimos. A Turquia exporta tais substâncias pelos dutos que ligam as regiões produtoras do Cáspio (principalmente o Azerbaijão e o Turcomenistão) pelos portos de Ceyham e Samsum, em alguns casos atravessando a cidade de Erzurum, que funciona como uma conexão entre as diversas formas de transporte. Até 2011, o principal porto russo voltado ao comércio exterior situava-se na cidade de Novorossisk, junto ao Mar Negro.

Após a fragmentação da URSS, a Federação Russa, em um primeiro momento, ocupou-se totalmente das reformas internas ao seu país, de modo a desmantelar a antiga economia socialista e aproximar o novo país do modelo europeu de democracia liberal e economia de mercado. Por conta desse processo e da "terapia de choque" adotada no campo econômico[10], a Rússia enfrentou uma grave crise logo após sua fundação, com uma queda brutal do produto interno bruto (PIB) russo, hiperinflação e desemprego (KOTZ, WEIR, 2007). Além disso, acompanharam esse processo a insurgência de movimentos separatistas na região da Chechênia, no Tartaristão e Bascortostão.

[10] A terapia de choque baseava-se num conjunto de reformas abrangentes e radicais buscando a disciplina fiscal do Estado, taxa de juros determinados pelo mercado, câmbio competitivo, privatizações, desregulamentações em geral e defesa dos direitos à propriedade (ASLUND, 2007);

Na Turquia, por seu lado, os anos 1990 representaram um longo período de quase guerra civil contra a organização curda PKK, contabilizando-se aproximadamente 30.000 mortos. As transformações no Sistema Internacional, a guerra interna, as novas questões identitárias[11], a incerteza da sobrevivência do projeto de modernização Kemalista[12], levaram a polarização da cena política turca e à forte instabilidade política que marcou esse período.

A seguir, os principais elementos das relações russo-turcas do período são delineados, podendo-se, desse modo, observar as transformações da percepção turca acerca dessas relações. Uma das principais questões foi a influência sobre os novos países independentes na Ásia Central e no Cáucaso, onde o pan-turquismo entrou em colisão com a política de vizinhança colocada em prática pelo Estado Russo.

4.1 ÁSIA CENTRAL

Por conta do momento caótico em que a política doméstica russa se encontrava, o governo de Yeltsin não adotou, em um primeiro momento, qualquer estratégia para a Ásia Central. Então, acreditava-se que uma política externa mais assertiva para essa região seria contrária aos ideais liberalizantes e que suas relações com esses países seriam um empecilho para uma possível integração com a Europa. De fato, a cooperação militar e política entre esses Estados manteve-se num nível baixíssimo, sustentado apenas pela adesão russa ao Tratado de Segurança Coletiva de Tashkent[13] e de sua participação na Comunidade de Estados Independentes (CEI)[14]. Como ressalta Frickenstein (2010), a participação russa em tais organizações tinha então o único intuito de supervisionar e controlar a dissolução da URSS.

Esse panorama de crise interna na Rússia, de separatismo e do afastamento desse Estado em relação aos seus vizinhos do sul, gerou, para a Turquia, a possibilidade de ocupar o vácuo deixado pela Rússia na Ásia Central, aproximando esses Estados à sua esfera de influência. De fato, originava-se uma grande oportunidade de aproximação entre a Turquia e esses países, regiões unidas pelos laços étnicos, religiosos e linguísticos e separadas apenas pelos anos de

[11] Refere-se ao fortalecimento da identidade muçulmana, das minorias étnicas, da divisão política, etc.

[12] Projeto concebido na fundação da República da Turquia visando à modernização da sociedade mediante a incorporação e replicação das instituições e costumes ocidentais. É executado hierarquicamente pela elite da sociedade turca, tendo as forças armadas como sua principal garantidora. (BENLI; TÜR, 2005);

[13] Tratado de 1992 que criou a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) em 2002, aliança militar entre a Federação Russa, Bielorrússia, Armênia, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão (DONALDSON; NADKARNI; NOGEE, 2015);

[14] Comunidade de Estados criada em 1991 de modo a substituir a antiga URSS (DONALDSON; NADKARNI; NOGEE, 2015);

domínio soviético (BENLI; TÜR, 2005). As lideranças turcas, com apoio dos EUA, passaram a ver seu país como uma liderança regional e possível modelo para a região, exercendo uma ponte entre a antiga URSS e o modelo de economia e Estado europeus (WINROW, 2000). Para Kelkitli (2017), essas novas relações também poderiam ser uma janela de oportunidade para suas tratativas com o Ocidente, haja vista sua rejeição nas tratativas para a entrada na Comunidade Europeia, em 1989. Com a perspectiva de estreitar as relações e promover a ideia de um "grande mundo turco" composta por "uma nação e seis Estados (BAEV; KIRISCI, 2017)", Presidente Suleyman Demirel realizou visita a região já em 1992. A partir daí, o Estado Turco passou a, ativamente, reforçar os laços culturais com a expansão da transmissão televisiva turca para essas regiões e o oferecimento de programas universitários (BENLI, TÜR, 2005). O Estado Turco também começou a realizar fortes investimentos nas áreas de transporte, energia e construção por meio Agência de Cooperação Internacional Turca (ACIT) (WINROW, 2000) e, no mesmo ano, Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão e Quirguistão foram incluídas na Organização de Cooperação Econômica (OCE) para impulsionar o comércio regional (KELKITLI, 2017).

O ativismo turco para a questão não foi percebido, à primeira vista, como uma ameaça pela Rússia. Envolvida em seus problemas domésticos, as lideranças russas viam a assertividade turca como uma ferramenta para o controle dessa região e a atenuação da ameaça fundamentalista islâmica então vista na expansão da influência iraniana sobre a região (KELKITLI, 2017).

Entretanto, a partir de 1993, a reorientação da política externa russa, principalmente em relação ao papel desempenhado pelo Estado Russo na Eurásia e no chamado "Estrangeiro Próximo"[15], levou a um novo ativismo russo e à uma rivalidade de baixa intensidade entre os dois países na região. A mudança de política externa foi resultado da desilusão russa de uma possível integração positiva com o Ocidente e a ameaça representada pelos Islã radical à segurança nacional russa. Para isso seria necessário preencher o vácuo securitário criado na região depois da fragmentação da URSS, impedindo uma maior presença de outro ator que competisse pelo domínio com a Rússia. Nesse sentido, pretendia-se criar um "cinturão de Estados amigáveis" ao redor da Federação[16]. O ativismo pan-turco começou a ser percebido pela Rússia como uma possível ameaça à própria integridade do país, haja vista a sua enorme

[15] Refere-se às ex-Repúblicas Soviéticas vizinhas à Rússia e ao consequente papel desempenhado por esta última na orientação política desses países (DONALDSON; NADKARNI; NOGEE, 2015);

[16] A nova orientação da Política Externa Russa previa a manutenção dos países vizinhos à Rússia dentro de sua esfera de influência e fora das instituições ocidentais, como OTAN e UE. Tal política tomaria contornos oficiais a partir do ano 2000 (RÚSSIA, 2000);

população de etnia turca e a sua religião muçulmana, principalmente nas regiões do Bascortostão, Tartaristão e Yakutia. Além disso, os movimentos separatistas na Chechênia e o conflito em Nagorno-Karabakh exacerbaram a percepção russa da necessidade de exercer maior atuação sobre o Cáucaso e a Ásia Central. O engajamento russo fundamentou-se na interdependência econômica entre esses países, resultado dos anos de união sob o socialismo, e do aliciamento das elites locais, envoltas em instabilidade e desprovidas de apoio político (WINROW, 2000). Além disso, os países da região procuraram o apoio da Rússia na promoção da segurança na região, haja vista o impacto desestabilizante da ascensão do Taliban no Afeganistão.

O envolvimento russo na região se deu de forma mais ativa do que a participação turca, caracterizando-se geralmente pelo multilateralismo. Além de ativar a OTSC, criando uma força tarefa de ação rápida para a região, os russos, conjuntamente com a China, incluíram esses países na Organização de Cooperação de Xangai (OCX), em 2001, por meio da qual a cooperação é ensejada não só nos aspectos econômicos, como também no combate ao terrorismo e ao tráfico internacional. Além disso, promoveu-se a Comunidade Econômica Euroasiática (CEEA), fundada em 2000, criando uma união aduaneira e o livre trânsito de pessoas entre os países participantes (ALLISON, 2008).

De todo modo, a nova posição russa para a Ásia Central não sofreu forte resistência da Turquia, que demonstrou não ter as capacidades econômicas, políticas e militares para exercer maior influência e substituir a Rússia como principal ator da região. Ao fim dos anos 1990, ocorre uma diminuição do ativismo turco para a Ásia Central, sendo suplantado pela assertividade russa (BENLI; TÜR, 2005). A partir dos anos 2000, entretanto, no novo clima de cooperação e confiança ensejado pela ascensão de Putin e Erdogan, os dois países passaram a colaborar na região, promovendo projetos conjuntos entre Turquia e a CEI e a consulta mútua para assuntos econômicos e políticos. Tal mudança no comportamento russo pode ser resultado da percepção de que a Rússia também já não é um poder inquestionável na região, haja vista a presença de novos atores pós-11/09, como os EUA[17] e a China (KELKITLI, 2017). Além disso, a crise financeira de 1998 na Rússia demonstrou a impossibilidade econômica do exercício de amplos investimentos na região, de modo que sua posição como investidora ficava prejudicada. Assim sendo, uma atitude mais conciliadora com a Turquia poderia ensejar maior estabilidade e promover ambos os países como grandes atores da região.

[17] Depois dos ataques terroristas de 2001, os EUA buscaram criar bases militares no Uzbequistão e Quirguistão para o apoio na guerra contra o Taliban, no Afeganistão (PILLALAMARRI, 2014);

A assertividade russa foi, portanto, inicialmente recebida pelas lideranças turcas sem uma grande contestação haja vista a própria debilidade da Turquia em se envolver na região. Apesar de um ativismo atípico no início da década de 1990, a retórica turca não encontrou muitas ações concretas e possíveis aliados que pudessem ecoar tal posição na região. A partir daí, a possibilidade de cooperar com a Rússia passou a ser vista como uma oportunidade, o que ficou denotado na assinatura do Plano de Ação para a Cooperação na Eurásia, de 2001.

4.2 CÁUCASO

A rivalidade entre Rússia e Turquia no Cáucaso demonstrou-se muito mais ativa do que na Ásia Central. Diferentemente dessa última, o Cáucaso encontra-se justamente entre os dois países e é cenário de inúmeros problemas securitários para ambos os Estados, principalmente no Azerbaijão e na Geórgia.

A Rússia, apesar do envolvimento imediato no conflito de Nagorno-Karabakh, no início dos anos 1990 havia retirado muito de seu arsenal militar dos territórios do Cáucaso. Depois do breve período de isolamento, o país voltou a se engajar na região, o que é evidenciado pelas intervenções militares e pela de revisão de 1996 - sob protestos turcos - do Tratado sobre Forças Armadas Convencionais, que determinava os limites para equipamentos militares e a destruição do excesso desses materiais. De tal forma, a Rússia pôde reintroduzir boa parte de suas forças militares que haviam saído da região no início dos anos 1990. Dada a conjuntura, a partir da metade dessa década, a política externa turca precisou se adaptar à nova realidade do Transcáucaso, adotando um tom mais conciliador e evitando a confrontação com a Rússia. Assim, a partir desse período, a Turquia preferiu buscar a cooperação com a Rússia ao invés de sustentar sua posição externa unicamente nos países da antiga URSS (AYDIN, 2002).

O conflito no país azeri remonta ao fim da URSS e corresponde a secessão do estado autônomo de Nagorno-Karabakh e sua tentativa de união à Armênia, vizinha do Azerbaijão. A população de Nagorno-Karabakh é majoritariamente formada por armênios e busca sua incorporação ao país vizinho, queixando-se de discriminação oficial por parte do governo. Com o fim da URSS, inicia-se um conflito armado entre os dois países pelo controle do território, havendo intervenção russa ao lado dos armênios. A intervenção se demonstrou muito bem sucedida, conseguindo os armênios ocuparem cerca de 20% do território azeri e causando a queda do Presidente azeri pró-turco Elchibey (CONSELHO SOBRE RELAÇÕES EXTERIORES, 2018). O apoio russo à Armênia deve-se à necessidade de enfraquecer o Azerbaijão, já que as enormes reservas de gás natural e petróleo deste país poderiam ensejar

uma política externa mais autônoma e, quiçá, próxima aos interesses europeus e estadunidenses (KELKITLI, 2017).

A Turquia, por conta de seus laços étnicos, religiosos e culturais e tendo em vista sua política pró-turca, apoiou o Azerbaijão no conflito por meio de suprimento de armamentos. Depois do cessar-fogo declarado em 1994, Turquia manteve o embargo econômico sobre a Armênia, e fortaleceu a cooperação com os vizinhos azeris, por meio de investimentos no setor energético e de transporte (KELKITLI, 2017).

A Rússia aparenta estar muito satisfeita com a manutenção do *status quo* na região já que domina boa parte dos recursos estratégicos da Armênia, garante a segurança de suas fronteiras com a Turquia e o Irã e, de fato, mantêm o controle político sobre o país. Além disso, por ter parte de seu território ocupado e perceber na Rússia uma ameaça constante, o Azerbaijão procura manter uma atitude não confrontacionista em relação à Federação, estabelecendo diversos acordos na área energética e tornando-se o maior parceiro econômico da Rússia ao sul do Cáucaso (KELKITLI, 2017). De tal forma, a Rússia manteve o controle político sobre a Armênia, mantendo-se estrategicamente posicionada no interior do Transcáucaso, e garantiu a não inimizade dos azeris, o que permitiu a manutenção de fortes relações econômicas, principalmente na área energética, com este país.

A Turquia, ao buscar a normalização de suas relações com a Armênia, não pode abandonar a questão da resolução do problema de Nagorno-Karabakh, o que geraria atritos com seu aliado azeri. E sem abandonar a questão, diálogos para a normalização das relações com Yerevan não conseguem prosseguir (POGHOSYAN, 2018). Além disso, a continuidade dos problemas com a Armênia acaba criando grandes constrangimentos internacionais à Turquia, já que Yerevan não exita em denunciar o massacre de armênios cometido ainda no início do século XX pelas lideranças turcas-otomanas. Nesse contexto, apesar de inúmeras tratativas para a reconciliação entre Turquia e Armênia e uma resolução pacífica do conflito em Nagorno-Karabakh, o impasse se manteve ao longo da primeira década do século XXI e prossegue até hoje.

Turquia e Rússia também encontraram-se em posições divergentes quanto à questão georgiana. Já em 1990, irromperam-se movimentos separatistas na Abecásia e na Ossétia do Sul, duas províncias da Geórgia, resultando em uma guerra civil, entre 1993-1994. A Rússia foi envolvida no conflito na Ossétia por conta do enorme influxo de refugiados buscando abrigo na república autônoma da Ossétia do Norte, no sul russo. Na região da Abecásia, nacionalistas abecasos iniciaram uma guerra de secessão. A Rússia oficialmente se opunha a esses movimentos separatistas tendo em vista seu próprio problema interno, na região chechena.

Objetivando a integridade do território georgiano e interesses próprios, a Rússia acorda com o presidente geórgico Shevardnadze a entrada desse país na CEI, a criação de bases militares russas no território georgiano e a utilização de uma força de paz russa para conter os conflitos. A intervenção russa tinha o objetivo de impedir que qualquer uma das partes obtivesse sucesso, as regiões separatistas não se tornariam independentes mas ganhariam certa autonomia e o desmembramento da Geórgia seria evitado (DONALDSON; NADKARNI; NOGEE, 2015).

Apesar da posição oficial, existia certo apoio a esses movimentos separatistas no interior do governo russo e nas próprias forças armadas, que percebiam Shevardnadze como um dos responsáveis pela desintegração da URSS. De tal forma, houve apoio militar, financeiro, além da presença de voluntários russos no conflito. Além disso, havia certa necessidade estratégica de manter a Geórgia sob influência russa, haja vista o forte nacionalismo e a russofobia presentes naquele território. A Rússia precisava manter o controle sobre a Geórgia tendo em vista os recursos hidrocarboníferos da região do Mar Cáspio e de seu transporte via o interior da Geórgia (NYGREN, 2007), pelo duto de Baku-Novorossiisk, além do acesso à sua importante base militar na Armênia, acessível apenas pelo território ou espaço aéreo georgianos.

Apesar do cada vez mais pronunciado atrito com a Rússia, percebido na cooperação da Geórgia com o Azerbaijão para a construção do duto Baku-Supsa, com os EUA e a Turquia para a construção do duto Baku-Tbilisi-Ceyham, da vontade expressa de integrar a OTAN, de permitir a atuação de uma missão chechena em sua capital e da presença militar turca em território georgiano, com a assinatura de um tratado de amizade entre Rússia e Geórgia que garantia a integridade territorial georgiana, em 1994, e um cessar-fogo informal entre as partes em 1997, a situação se manteve praticamente inalterada até 2003, quando da ascensão de Mikhail Saakashvilli à Presidência da Geórgia, por meio da Revolução Rosa. As relações entre os dois países só se deterioraram a partir de então, havendo a demanda de desmantelamento das bases russas na Geórgia e da saída das forças de paz russas na Ossétia e na Abecásia.

Desde o início de seu governo, o novo presidente assume uma forte retórica unitarista, com intuito de acabar com os movimentos separatistas, e pró-ocidental, evidenciado na forte aproximação à OTAN. Em 2008, acreditando ter o suporte dos EUA, Saakashvilli finalmente recorreu aos meios militares para a retomada da Ossétia do Sul (DONALDSON; NADKARNI; NOGEE, 2015). É nesse contexto que acontece a Guerra dos 5 dias, quando a Federação Russa intervém militarmente no conflito e garante a autonomia das zonas separatistas, expulsando as forças armadas georgianas. Desde então, o governo de Moscou reconhece a independência das

duas províncias georgianas e as apoia militar e financeiramente. A Geórgia, a partir de então, se retirou da CEI e rompeu relações diplomáticas com a Rússia.

A Turquia, por seu lado, declarou apoio a integridade territorial da Geórgia desde o início dos conflitos ainda nos anos 1990. O país é um Estado chave para muitos projetos no setor de energia turco - os gasodutos e oleodutos do Transcáucaso Baku-Tbilisi-Ceyhan e Baku-Tbilisi-Erzurum - e ferrovias. Além disso, é um país tampão entre Turquia e Rússia e favorável a uma adesão à OTAN, o que fortaleceria a posição turca no sul do Cáucaso. Para tanto, desde os anos 1990 a Turquia veio apoiando militarmente o vizinho georgiano, com ajuda material, financeira, técnica, além do treinamento das forças armadas. A Revolução Rosa aproximou ainda mais os dois países, mas, pouco tempo depois, acabou colocando a Turquia numa complexa posição, já que apoiava militarmente esse país mas não podia antagonizar-se à Rússia, por quem tem imensos laços econômicos e políticos. Importantes projetos, como a ferrovia Kars-Tblisi não foram concluídas depois do conflito e a própria Geórgia, mais recentemente, voltou-se para a reconciliação com a Rússia. No conflito de 2008, a Turquia foi o primeiro país a enviar ajuda humanitária à Geórgia e deu ênfase a integridade territorial desse país (KELKITLI, 2017).

A posição conciliadora da Turquia ficou evidente na crise de 2008, quando os EUA requereram a entrada de duas grandes embarcações militares, acima do limite de tamanho estipulado pela Convenção de Montreux, para o suposto provimento de auxílio humanitário às autoridades georgianas. Os navios precisavam passar pelos estreitos de Bósforo e Dardanelos para chegar aos portos da Geórgia, entretanto, as autoridades de Ankara resistiram às pressões estadunidenses e persistiram no limite determinado pela Convenção, persuadindo Washington a enviar navios menores para o Mar Negro. Assim sendo, a tentativa de intimidação norte-americana à Rússia não se efetivou e a Turquia conseguiu se isentar de um conflito maior entre as duas partes (KELKITLI, 2017).

Para o apaziguamento dos conflitos no Cáucaso, a Turquia, ainda em 2000, propôs a criação de um Pacto para a Paz e Estabilidade do Cáucaso (PPEC). O acordo dessa época previa a inclusão de atores extra-regionais, como os EUA, a UE e a OCDE, e portanto foi sempre ignorado pelas lideranças russas, que não desejavam o envolvimento de tais atores em assuntos regionais. Com a crise de 2008, a proposta é ressuscitada pelo Primeiro Ministro Erdogan sob a forma de Plataforma para a Cooperação e Estabilidade do Cáucaso (PCEC). Essa proposta ia ao encontro das ideias russas de não inclusão de atores de fora da região. Entretanto, a proposta não foi bem aceita pelo Azerbaijão e a Geórgia, já que estes não percebiam positivamente o fato de poder pertencer a um mesmo sistema de segurança com a Rússia. Dessa forma, as

propostas turcas para a criação de um sistema de cooperação regional fracassaram (WEITZ, 2010).

4.3 QUESTÃO DO ESTATUTO DOS ESTREITOS

A questão dos Estreitos, além de ser presente em boa parte da história da relações das bilaterais entre Rússia e Turquia, voltou ao debate nos anos 1990. Com o crescente aumento do tráfego de navios mercantes pelos estreitos, o governo turco decidiu em 1994, unilateralmente, revisar a Convenção de Montreux, por meio do qual o trânsito de navios mercantes pelos estreitos ficava regulada. A enorme quantidade de embarcações que trafegavam pelos estreitos, muitos deles carregados de gás natural e petróleo, representavam, aos olhos das lideranças turcas, um grande risco para a segurança de Istambul, para o meio ambiente e para o próprio trânsito dos demais navios na região. De tal forma que, pretendendo prevenir futuros acidentes, a Turquia decretou nova regulação do tráfego nos estreitos limitando o trânsito de navios, o que, para a Rússia representava clara violação ao livre-trânsito estipulado na Convenção de Montreux de 1936 (SEZER, 2000).

A Rússia percebeu tal ato como uma tentativa turca de obstaculizar a sua exportação de gás e petróleo provenientes da região do Cáspio para os mercados globais. Além disso, os turcos ganhariam em receita por conta do trânsito dos recursos energéticos azeris e turcomanos que precisavam atravessar seu território. A Turquia, por seu lado, buscava ensejar o uso de dutos como a maneira mais segura e eficiente para o transporte dessas substâncias. O novo estatuto entrou em execução a partir de 1998 apesar dos protestos e suspeitas russas.

De fato, o novo estatuto dos estreitos ensejou a cooperação entre Rússia e Turquia na construção de diversos projetos de dutos, principalmente o gasoduto Baku-Ceyhan e Blue Stream, e o tom acusatório da Rússia amenizou-se durante dos anos 2000. Quando da assinatura de diversos documentos importantes na visita do Presidente Russo Medvedev à Ankara, em 2010, a questão dos Estreitos perde muito de sua relevância, sendo praticamente encerrada pela concordância russa em transportar o gás e petróleo via dutos, principalmente pelo duto Baku-Ceyhan (KELKITLI, 2017).

Por outro lado, a Turquia sempre se mostrou sensível ao receio russo quanto ao respeito à Convenção de Montreux no que se refere à entrada de navios de guerra, o que foi perceptível na crise de 2008. De acordo com tal Convenção, o trânsito de navios de guerra é limitado à 21 dias à qualquer nação que não seja litorânea ao Mar Negro, havendo ainda limites de tonelagem

e tamanho (TURQUIA, 2018b). Tal circunstância foi essencial para a estratégia turca no cenário internacional. Para KELKITLI (2017, p. 65, tradução nossa),

> da perspectiva turca, a Convenção de Montreux é inestimável e indispensável já que atinge um delicado equilíbrio entre suas obrigações militares e securitárias perante a OTAN e seu crescente engajamento político e econômico com a Rússia.

De tal forma que, na percepção turca, revisões mais profundas na Convenção são desnecessárias e até prejudiciais à inserção global da Turquia. Por meio da Convenção, a Turquia possui um arcabouço legal dentro do Direito Internacional para se equilibrar entre suas crescentes relações com a Rússia e a históricas ligações com os EUA e a Europa Ocidental, conseguindo benefícios de ambos os lados. Assim, apesar da posição turca ter se mantido resoluta, não houveram novos fortes atritos quanto à questão ao longo dos anos 2000, mas sim, a aparente aceitação por parte da Rússia da autonomia turca para determinar a questão e a escolha dos dutos como melhor meio para o transporte do gás e petróleo azeri e turcomano.

4.4 QUESTÃO CHECHENA E CURDA

As mútuas acusações sobre o apoio financeiro e militar às organizações separatistas chechenas e curdas foram frequentes ao longo dos anos 1990. Moscou acusava a Turquia de abrigar guerrilheiros chechenos, auxiliar-lhes com tratamento médico e armamentos. Por outro lado, a Rússia era acusada pelos turcos de incentivar o separatismo curdo, promovendo conferências e congressos da Frente de Libertação Nacional Curda e a abertura da Casa Curda em Moscou, além de abrigar guerrilheiros e permitir a existência de um campo de treinamento do PKK em Yaroslavl. Em 1992, o Primeiro Ministro Turco recebeu a visita do Presidente Checheno e líder do movimento separatista Dzhokhar Dudayev causando revolta em Moscou. Por outro lado, a Rússia deu abrigo e refúgio a liderança curda Abdullah Öcalan, negando conhecer seu paradeiro (KELKITLI, 2017).

O espírito separatista checheno tem raízes históricas profundas, remontando à incorporação da região ao Império Russo, no século XIX. Depois da fragmentação da URSS, em 1991, a região declarou sua independência unilateralmente levando a uma ampla investida militar russa em 1994 para a manutenção do controle político sobre o território. A 1ª Guerra Chechena durou 2 anos e a Rússia saiu derrotada do conflito, precisando fazer inúmeras

concessões aos separatistas, apesar de não perder completamente o controle sobre a região (KOTZ, 2007).

O interesse russo em manter o domínio sobre a Chechênia deve-se a 3 fatores. Primeiramente, a possível secessão da Chechênia poderia incitar outras regiões da Federação a buscar o mesmo destino, o que se evidenciou na problemática adesão de Bascortostão e do Tartaristão à Rússia. Em segundo lugar, a Chechênia abriga trechos do oleoduto Baku-Novorossiysk, por meio do qual o petróleo do Azerbaijão é exportado pelos portos russos do Mar Negro. Além disso, a região faz fronteira com o norte da Ossétia do Sul, região importante para a desestabilização e controle da Geórgia (KELKITLI, 2017).

A causa chechena apresentou certa simpatia na Turquia, principalmente por pressão da comunidade chechena e caucasiana em diáspora no país, entretanto, nunca encontrou suporte oficial. Formaram-se Associações de Solidariedade Caucasiana para pressionar o governo turco por posições mais sensíveis à causa separatista (SEZER, 2000). Tais organizações também deram suporte ativo por meio da coleta de recursos, assistência médica à guerrilheiros, suprimento de armas e voluntários. Para os russos, o encontro de Dudayev com o Primeiro Ministro Turco serviu como a confirmação do conluio entre turcos e chechenos no intuito de desestabilizar a Rússia e garantir à Turquia a supremacia no Cáucaso e Ásia Central. Essa percepção acabou acarretando no fortalecimento do apoio da Rússia ao PKK (KELKITLI, 2017).

O envolvimento russo com o movimento separatista curdo remonta ao período da URSS. Desde então ele já era usado de modo a desestabilizar a Turquia e, posteriormente, foi usado como carta de barganha contra a simpatia turca à causa chechena (GUNTER, 1991). De tal modo, durante os anos 1990 e a primeira década de 2000, os russo não possuíam um interesse direto no movimento separatista curdo, mas sim nos seus potenciais efeitos sobre a política doméstica turca. De fato, os anos 1990 marcaram uma forte ofensiva turca no combate aos separatistas curdos, incluindo uma das maiores operações militares da história da República, envolvendo cerca de 35.000 militares para a destruição de acampamentos do PKK e bases dessa organização no norte do Iraque (KIRIŞÇI, 2009).

Ao longo dos anos 1990, Rússia e Turquia assinaram diversos documentos de combate ao terrorismo que gradativamente elevaram a confiança recíproca entre Moscou e Ankara e diminuíram as suspeitas entre ambas as partes. Nos anos de 1995 e 1996 ocorreram importantes convergências quanto ao combate às ameaças terroristas, levando à assinatura de 2 protocolos, mesmo que o PKK ainda não tivesse sido considerado uma organização terrorista pela Rússia. Em 1998, o governo russo, apesar da aprovação do Parlamento, negou refúgio a Abdullah

Öcalan, o que levou à sua posterior prisão na Itália, em 1999 (BENLI; TÜR, 2005). Além disso, o governo fechou o escritório da organização PKK em Moscou e encerrou as atividades do seu campo de treinamento (DEMIRTEPE; HAS; ÖZDAL; ÖZERTEM, 2013).

Em fins dos anos 1990, o movimento separatista checheno veio a se aproximar do wahabismo[18]. A nova posição religiosa ficou evidente quando um grupo de militantes chechenos, ao tomar vilarejos no Daguestão, proclamou a República Islâmica do Daguestão. Os ataques terroristas provocados pelo movimento separatista levaram à nova incursão militar russa na Chechênia, em 1999. No mesmo ano, ocorreu nova declaração conjunta entre as autoridades russas e turcas sobre o combate ao terrorismo.

O radicalismo adotado pelo movimento separatista checheno na realização de seus atos terroristas, na maioria das vezes visando alvos civis, e o fortalecimento de ideologias fundamentalistas islâmicas na Chechênia, acabaram alienando a sociedade e o governo turco da causa chechena. Em fins dos anos 1990, a questão passou a, cada vez mais, ser tratada como um problema doméstico russo (KELKITLI, 2017).

Os ataques às Torres Gêmeas, em 2001, criaram uma nova atmosfera internacional de combate ao terrorismo e ofereceram um ímpeto à parceria russo-turca no combate à esse tipo de crime. A Turquia assinou no mesmo ano a Convenção da ONU para a Supressão do Financiamento do Terrorismo (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2018) e, em 2003, o protocolo de alteração da referida convenção realizado pelo Conselho da Europa (CONSELHO DA EUROPA, 2018). O tema continuou frequente nas agendas de Ankara e Moscou, estando expressamente mencionado no "Plano de Ação para Cooperação na Eurásia" de 2001 e nas declarações conjuntas de 2004 e 2009.

Apesar dos avanços e do crescimento da confiança mútua entre Rússia e Turquia, a primeira, até 2018, ainda não havia reconhecido a organização PKK como terrorista e, dessa forma, esta ainda não é combatida ativamente pelo Estado Russo (URAS; VARSHALOMIDZE, 2018). Por outro lado, o movimento separatista checheno perdeu muito do seu antigo fôlego e suas ideias extremistas afastaram as lideranças turcas. Dessa forma, a Rússia manteve uma certa margem de manobra e uma possível "carta na manga" nas suas relações com a Turquia, podendo usar o PKK em cenários em que esse país passasse a ameaçar mais diretamente interesses russos. Kınıklıoğlu (2006) ressalta ainda a perspectiva do fortalecimento do PKK no Oriente Médio, se tornando um fator mais relevante para a tomada

[18] Vertente radical do islã sunita que visa a purificação da fé islâmica, condenando todas as outras formas de crença. A 1ª Guerra da Chechênia teria levado à radicalização de alguns políticos e senhores da guerra chechenos, fomentando essa característica que seria visível a partir do 2º conflito (WILHEMSEN, 2005);

de decisões das lideranças russas. De tal maneira, o completo rompimento dos laços entre PKK e Moscou se mostrou inviável e até contraproducente.

A Turquia, que em meados dos anos 1990 nutria simpatia a causa chechena, principalmente por conta dos laços entre a comunidade caucasiana em diáspora, à época, isentou-se de oposição mais enérgica aos separatistas. A pressão russa por diferentes frentes - PKK e mísseis cipriotas -, além da radicalização do movimento - que poderia influenciar a esfera doméstica turca - levou a um gradual distanciamento turco da questão chechena. Além disso, a partir dos anos 2000, ocorre um forte estreitamento dos laços econômicos entre os dois países e a convergência estratégica em vários âmbitos, o que determina, por fim, o completo afastamento turco da questão.

4.5 VENDA DOS MÍSSEIS RUSSOS AO CHIPRE GREGO

Em 1997, a Rússia acordou a venda do sistema de mísseis superfície-ar SAM-300-PMU-1 para a República do Chipre, ou Chipre Grego. O Chipre encontra-se, até os dias atuais, dividido entre o sul, de maioria grega, e a região norte, separatista, de maioria turca. A população turca ao norte, com apoio das forças armadas turcas, autodeclarou-se independente em 1983, formando a República Turca do Chipre do Norte, reconhecida unicamente pela Turquia. A ocupação militar turca da porção norte da ilha continua até hoje. Apenas o Chipre Grego é reconhecido internacionalmente, cujo território deveria abranger a totalidade da ilha cipriota (CHIPRE, 2018). As duas comunidades são divididas por uma zona tampão administrada por uma Força de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU), a UNFICYP (United Nations Peacekeeping Force in Cyprus) (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2018).

O Chipre Grego, ao buscar adquirir os mísseis, alegou serem eles necessários para a defesa do sul da ilha. Entretanto, o raio de alcance desse sistema de mísseis atinge 150 Km (PHILLIPS; ANDERSON, 1998), o suficiente para, a partir do Chipre, atingir o sul da Turquia e restringir o espaço aéreo turco em caso de conflito. O governo russo tratou a questão como um simples negócio comercial entre a empresa estatal russa Rosvooruzhenie e o Estado da República do Chipre, se opondo a perspectiva da venda ser politicamente motivada ou em apoio aos grego-cipriotas, como defendido pelos turcos. Apesar dos fortes protestos turcos, da oposição do EUA, da notificação turca à OTAN, a Rússia deu continuidade ao negócio (TANRISEVER, 2004).

O interesse russo na venda dos mísseis não pode ser entendido como uma simples questão comercial. Deve ser compreendido dentro do contexto mais amplo da forte competição russo-turca no Cáucaso e da percepção de apoio turco a causa chechena. A insistência russa nos mísseis, provavelmente, somava-se ao elemento curdo como mais uma forma de intimidação e barganha contra a Turquia.

Em 1998, a questão foi resolvida por conta da forte pressão estadunidense e turca na matéria. Os mísseis, por fim, foram deslocados para Creta, distante o suficiente para não ameaçar a costa litorânea turca. Apesar da mudança de localização, toda a questão serviu para os turcos como um demonstrativo da ameaça que a Rússia poderia representar e do quão longe ela estava disposta a ir para garantir seus interesses.

A questão do Chipre resultou em nova divergência entre Rússia e Turquia, entre 2004-2005, quando da votação, no Conselho de Segurança da ONU, do chamado Plano Annan. O plano previa a federalização da ilha e a manutenção de autonomia dentro das respectivas regiões, apesar da unificação em um só ente federal. No referendo realizado na ilha, o Plano Annan foi aprovado pela maioria da população turca-cipriota, entretanto sofreu oposição da Rússia. Em 22 de abril de 2004 a Rússia, pela primeira vez desde o colapso da URSS, usou seu poder de veto e impediu a aprovação do aumento de poderes da UNFICYP, que trabalharia na execução do plano.

De fato, domesticamente o Plano Annan não era unanimidade entre os turcos, sendo preferido o reconhecimento internacional do Chipre do Norte em muitos círculos políticos do país. A Turquia esperava que, passado o referendo, o isolamento econômico imposto pelos demais países cessasse. Entretanto, assim não sucedeu-se, o que desagradou fortemente os turcos. A objeção russa ao Plano Annan pode ser explicada pela vontade desse país em manter relações próximas e estratégicas com a Turquia, já que, caso a questão cipriota fosse resolvida, um dos maiores empecilhos para a entrada da Turquia na União Europeia (UE) seria eliminado. Dessa forma, o veto russo impediu a aproximação da Turquia com o Ocidente e manteve a proximidade entre os dois países (PAPADOPOULOS, 2016).

A orientação da política externa da Turquia, à época, já voltava-se fortemente ao aprofundamento da cooperação com a Rússia e, nesse sentido, a rejeição ao Plano Annan não causou grande impacto nas relações russo-turcas já que a própria questão da adesão à UE havia perdido muito do seu apelo internamente na Turquia. No final de 2004 ocorreu a importante visita de Vladimir Putin a Ankara por meio da qual os dois países reforçaram seus laços de parceria.

5 PADRÃO DE COMPORTAMENTO E PERCEPÇÕES TURCAS

A percepção turca sobre as relações bilaterais com a Rússia ao longo dos anos 1990 sofreu fortes variações. É possível destacar três fases nesse momento inicial: o primeiro englobando os primeiros anos após a desintegração da URSS; o segundo, de rivalidade e confrontação e o terceiro, do início de uma aproximação em fins dos anos 1990. Esse processo é acompanhado pelo fortalecimento dos vínculos econômicos entre os dois países, elemento importante para o aprofundamento das relações nos anos seguintes. A partir da virada do século, Rússia e Turquia estabeleceram uma frutífera cooperação, harmonizando suas políticas externas em diversos âmbitos. A aproximação chegou em tal nível que Akturk (2006), assim como as autoridades de Ankara e Moscou[19], a denominaram "parceria estratégica". Contudo, os conflitos de interesses não tardaram em se evidenciar, culminando na crise do Cáucaso, em 2008, quando os primeiros sinais de uma disputa entre os dois países começaram a se tornar claros.

5.1 PADRÕES DE COMPORTAMENTO E PERCEPÇÕES ENTRE 1991 E 2001

O colapso da URSS e a consequente necessidade de construção de um novo Estado na Rússia e de todos os problemas sócio-econômicos daí resultantes, afastou esse novo país de muitos de seus interesses estratégicos, principalmente na Ásia Central e no Cáucaso. A aparente resignação do governo de Moscou em aceitar as medidas econômicas propostas pelo Ocidente, de acatar o Tratado sobre Forças Armadas Convencionais, e de, enfim, buscar inserir-se positivamente como membro de uma grande comunidade mundial de países capitalistas e democráticos (DONALDSON; NADKARNI; NOGEE, 2015), resultou nas lideranças turcas uma percepção de fragilidade de seu vizinho do norte, que, apesar de ainda muito poderoso militarmente havia negligenciado muitas de suas tradicionais áreas de influência. Tal percepção é coerente com a imagem projetada pela Rússia de então, que sinalizava um Estado fraco e vacilante, buscando aproximar-se de seus pares ocidentais e aceitando seus valores e padrões de comportamento. Nesse sentido, para a Turquia, havia surgido a oportunidade de retomar diversos laços que haviam sido desfeitos com a Revolução Russa e a Guerra de Independência Turca. Principalmente no Cáucaso e na Ásia Central, onde habitam populações turcas e existem diversos laços históricos unindo seus povos. Além disso, fortes interesses econômicos levaram

[19] Os documentos conjuntos assinados a partir dos anos 2000 utilizam tal terminologia.

a tentativa de maior comprometimento com a região, principalmente com a aproximação turca ao Azerbaijão, rico em petróleo e gás natural, à Geórgia, importante corredor de escoamento desses recursos, e aos países da Ásia Central, que poderiam representar uma ampliação dos mercados turcos.

De tal modo, a Turquia buscou, sem ameaçar diretamente a Rússia, inserir-se cultural, econômica e politicamente no Cáucaso e na Ásia Central. Desse projeto resultam a inclusão dos países da Ásia Central na OCE, a criação da ACIT, as discussões sobre a criação de um mercado comum turco, o imediato reconhecimento do Azerbaijão e os diversos investimentos turcos lá realizados, o apoio resoluto a independência da Geórgia, etc. A proximidade entre Turquia e Azerbaijão e o movimento pan-turco fomentado de modo a aproximar os países da Ásia Central à esfera de influência turca passaram a criar incômodo nas lideranças de Moscou a partir de 1993. A assertividade turca para com essa áreas passou a sofrer forte contestação a partir desse ano, com a reorientação da política externa russa no sentido de reaproximação com o seu "estrangeiro próximo".

A nova política adotada nesse ano dava ênfase às relações russas com as demais ex-repúblicas soviéticas, objetivando a garantia da segurança nesses territórios, isolando-os dos efeitos de conflitos regionais como a luta doméstica no Afeganistão e o avanço do extremismo islâmico. Além disso, a existência de importantes recursos energéticos no Cáucaso e na Ásia Central fez com que a Rússia buscasse contrabalançar a presença de potências estrangeiras nesses territórios, dada a natureza estratégica dessas reservas. Os países do Cáucaso e da Ásia Central também poderiam representar importantes mercados para as mercadorias russas, haja vista a maior competitividade desta nestas regiões do que nos mercados ocidentais (DONALDSON; NADKARNI; NOGEE, 2015).

Esse período resulta em uma forte competição entre os dois países e diversas acusações de ameaça. Na Ásia Central, a Turquia seria naturalmente repelida pelos imensos laços existentes entre esses países com a Rússia, principalmente pelas enormes parcelas de populações russas lá residentes e a dependência econômica desses países em relação a Moscou. No Cáucaso, os dois países encontraram-se em lados opostos no conflito de Nagorno-Karabakh e na Geórgia, sem, no entanto, ensejar em hostilidades abertas. As pressões mais diretas foram realizadas em questões periféricas à competição nessas regiões mas de fundamental relevância a segurança dos países envolvidos: o financiamento e apoio aos movimentos separatistas em ambos os países, a venda de mísseis S-300 para o Chipre Grego e a questão do Estatuto dos Estreitos.

Os dois países enfrentavam, então, realidades domésticas bastante complexas e violentas e o apoio desses movimentos inimigos aos seus Estados Nacionais gerava forte desestabilização interna. Para Kirisçi (2009), a Turquia desse período poderia ser retratada como o "guerreiro pós-soviético", quase travando uma guerra em três frentes: contra a Grécia, a Síria e seu contra seu inimigo interno, o PKK. Em 1997, a Turquia prometia retaliações à Grécia e à Rússia por conta dos mísseis enviados ao Chipre e intervenções na Síria pelo seu apoio aos curdos. O comportamento agressivo na esfera internacional poderia ser reflexo dos problemas internos enfrentado pela Turquia, possivelmente o resultado de sua quase guerra civil contra o PKK e a percepção das ameaças externas sob a ótica da segurança nacional. A Rússia, nesse sentido, teria um papel destacado ao desestabilizar os países ao norte de sua fronteira, apoiar os curdos e criar ameaças adicionais como o envio de mísseis ao Chipre. A percepção turca, era em boa parte, contaminada pela antiga percepção da URSS, crendo-se que apesar de envolta em crise, a Rússia ainda era um grande poder e poderia questionar suas ações no Cáucaso e na Ásia Central, como também tentar dominar novamente essas regiões numa típica ação expansionista russa (SEZER, 2000).

As suspeitas entre os dois países possuem raízes históricas complexas. Para Sezer (2000), o problema da desconfiança mútua entre os dois países nesse período é resultado de três fatores: a influência negativa da memória histórica coletiva, as visões de mundo e os interesses nacionais conflitantes na Eurásia e a mudança na correlação de forças entre esses países. O primeiro fator refere-se à construção de uma percepção baseada no histórico de ameaça entre os dois países. A Rússia representaria, historicamente, o grande império expansionista das inúmeras guerras russo-turcas, da tentativa, czarista ou soviética, de domínio dos Estreitos, do plano imperial de conquista de Constantinopla. Por outro lado, a Turquia representaria a "ameaça muçulmana", cuja simples existência ameaçaria a integridade desse grande país multinacional cuja população turco-muçulmana só é menor que a eslávica. Num contexto de conflitos étnico-religiosos na Europa a partir dos anos 1990, a retórica pan-turca desenvolvida pelas lideranças da Turquia no início desse período e sua influência sobre as populações muçulmanas na Rússia só poderia ser percebida de forma ameaçadora. Sua influência sobre populações etnicamente turcas na Rússia poderia ensejar movimentos separatistas e resultar na desintegração da Federação. A atitude turca para com os separatistas chechenos em boa parte desse período, reforçou essa percepção. Por outro lado, a Rússia continuava mantendo fortes laços com separatistas curdos e usava o movimento para contrabalançar as pressões turcas.

O segundo fator refere-se ao conflito, surgido a partir de 1993, da mudança de estratégia russa em relação aos seus vizinhos do Cáucaso e da Ásia Central (seu "estrangeiro próximo").

Tal mudança chocou-se com a nova política adotada pelo Estado Turco para essas mesmas regiões. A Turquia percebia que, pela primeira vez em séculos, poderia reatar seus vínculos históricos com a região de origem de boa parte de sua população. De tal forma, esperava-se que os novos Estados se inserissem na comunidade internacional de forma soberana para que, sob esta perspectiva, a Turquia estabelecesse com elas relações de igual para igual. Por outro lado, a Rússia esperava um reconhecimento internacional como o único garantidor da estabilidade e segurança no Cáucaso e na Ásia Central, regiões limítrofes e vizinhas, historicamente sob sua influência (WINROW, 2000). Esse posicionamento levou a percepção turca de ceticismo quanto ao encolhimento geopolítico da Rússia e de sua transição democrática e capitalista. A partir de então, as relações russo-turcas foram percebidas de forma mais cautelosa pelas lideranças de Ankara.

A mudança na correlação de forças refere-se em parte à perda do *status* de superpotência por parte da Rússia e sua consequente incapacidade de imposição na própria periferia. Nesse sentido, destaca-se a natureza do novo Estado Russo, não só priorizando a maximização de sua segurança, como também do seu status internacional. De tal forma que uma das principais tarefas da política externa russa se tornaria a restauração e o fortalecimento de sua posição como um grande poder no Sistema Internacional (FORSBERG, HELLER, WOLF, 2014), o que justifica os anseios russos de legitimação do domínio sobre seu "estrangeiro próximo". A situação é completada pela perspectiva de ascensão da Turquia como potência regional em meados dos anos 1990, apresentada, principalmente por seus aliados ocidentais, como um modelo de democracia e economia de mercado para toda a região (WINROW, 2000). O avanço da OTAN para o leste europeu alimentou o ressentimento russo e, aliada a posição de destaque conferida à Turquia, fez surgir uma noção de descrença em relação às intenções do Ocidente e da própria Turquia.

É nessa conjuntura de desconfianças mútuas e ressentimentos que as relações bilaterais russo-turcas se desenvolveram em boa parte dos anos 1990. Nos principais conflitos na Transcaucásia, Rússia e Turquia encontraram-se em lados opostos, cada um protegendo interesses próprios e divergentes. A Turquia manteve-se fielmente aliada ao Azerbaijão e, de fato, rompeu relações diplomáticas e fechou sua fronteira com a principal aliada russa na região, a Armênia. Na Geórgia, a Turquia reagiu com suspeitas às intervenções russas, garantiu apoio militar e técnico e ressaltou a necessidade da manutenção da integridade territorial desse país. A questão do terrorismo também foi frequente nos discursos e encontros entre Chefes de Estado do período, sendo um importante instrumento para o exercício de pressão na esfera doméstica do outro país. É notável que Turquia e Rússia tenham passado a buscar desarmar essa questão

a partir da metade dessa década, o que fica demonstrado por meio dos memorandos e protocolos criados no sentido de criar perspectivas em comum acerca do problema, atitudes que diminuíssem as suspeitas entre os dois e, enfim, fortalecessem a confiança mútua de que esse instrumento de pressão utilizado tanto pela Rússia quanto pela Turquia não representava uma ameaça direta a existência e soberania de seus países. A questão dos mísseis cipriotas também agiu nesse sentido, pressionando as autoridades de Ankara a solucionar, ou, pelo menos, a congelar os conflitos resultantes das divergências de interesses no Cáucaso e na Ásia Central e de equacionar com a Rússia o problema do apoio ao separatismo. Pelo lado russo, a retórica contra a revisão do Estatuto dos Estreitos acabou se amenizando, tendo em vista o congelamento dos conflitos no Cáucaso e a suavização dos problemas separatistas.

Percebe-se uma alteração do padrão de competição entre Rússia e Turquia nos últimos anos dessa década, constatado na quantidade de acordos assinados entre os dois países - cerca de dez durante a histórica visita do Primeiro Ministro Chernomyrdin, em 1997. A problemática situação interna da Turquia, conjugada às novas crises externas devem ter contribuído para uma aproximação à Rússia. A crise financeira russa de 1997-98 e a delicada situação econômica da Turquia em 1997, posteriormente atingida pela crise russa, possivelmente contribuíram para que os dois países buscassem certa cooperação no período, evitando maiores atritos.

Outro fator determinante na aproximação dos dois países em fins de 1990, aparenta ter sido o desapontamento de ambos em relação ao Ocidente. Em 1997, a Turquia, apesar de ser o país que há mais tempo esperava sua admissão na UE, teve sua adesão postergada na Sessão de Luxemburgo do Conselho Europeu por conta dos seus problemas com a Grécia, com o Chipre, além de outras questões políticas e econômicas. Apesar disso, diversos outros países do leste Europeu foram incluídos, numa das maiores expansões da UE. A Rússia, por outro lado, foi atingida negativamente pelas negociações do Grupo de Visegrado para a admissão à OTAN, posteriormente concretizando-se em 1999. A Rússia esperava uma política mais sensível por parte dessa organização, propondo a criação de um sistema de segurança em comum no leste europeu (BRAUN, 2008). Contudo, a expansão da OTAN mediante a inclusão desses países (Polônia, República Tcheca e Hungria) frustra as perspectivas russas e passa a percebida como forte ameaça a própria segurança do país.

Nesse ambiente de duplo desapontamento com o Ocidente, de crise econômica, de problemas internos, os dois países passaram a buscar crescentemente o aumento da cooperação. A percepção turca de desconfiança e cautela em relação à Rússia, fruto dos inúmeros conflitos no Cáucaso, da memória histórica e da própria imagem projetada por Moscou, gradativamente se transforma numa tentativa de expansão das relações bilaterais e seu alargamento nas mais

diversas matérias. A mudança de percepção mútua fica evidente na forma como os conflitos gradativamente se assentam em fins dos anos 1990, em um *status quo* cômodo tanto para a Rússia quanto para a Turquia. O volume de comércio bilateral também passa a crescer nesses anos, iniciando uma trajetória ascendente, abalada pela crise financeira russa de 1998 mas retomando um acelerado crescimento, principalmente via importações turcas, a partir de 1999. A tabela a seguir demonstra o crescimento do aumento das relações comerciais:

Tabela 1- Importações e Exportações turcas para a Rússia

ano	Exportações turcas (mil US$)	% do Vol. Total Exportações	Importações turcas (mil US$)	% do Vol. Total de Importações
1995	**1 232 000**	**5,7**	**2 082 000**	**5,8**
1996	**1 510 005**	**6,6**	**1 921 139**	**4,5**
1997	**2 056 547**	**7,9**	**2 174 258**	**4,5**
1998	**1 348 002**	**5**	**2 155 006**	**4,7**
1999	**588 664**	**2,2**	**2 374 133**	**5,8**
2000	**643 903**	**2,3**	**3 886 583**	**7,2**
2001	**924 107**	**2,9**	**3 435 673**	**8,3**
2002	**1 172 039**	**3,3**	**3 891 721**	**7,6**
2003	**1 367 591**	**2,9**	**5 451 315**	**7,9**
2004	**1 859 187**	**2,9**	**9 033 138**	**9,4**
2005	**2 377 050**	**3,2**	**12 905 620**	**11**
2006	**3 237 611**	**3,8**	**17 806 239**	**12,7**
2007	**4 726 853**	**4,4**	**23 508 494**	**13,8**
2008	**6 483 004**	**4,9**	**31 364 477**	**15,5**
2009	**3 189 607**	**3,1**	**19 450 086**	**13,8**
2010	**4 628 153**	**4,1**	**21 600 641**	**11,6**
2011	**5 992 633**	**4,4**	**23 952 914**	**9,9**

Fonte: Elaborado pelo autor com base em: Turquia (2018a); UN Comtrade (2018)

Assim sendo, Rússia e Turquia ensejaram em maior cooperação por conta das mudanças das imagens e das percepções. A colaboração quanto ao combate ao terrorismo, manifestado na ameaça do separatismo para os dois países, fez com que a percepção turca das relações bilaterais se alterasse positivamente. Além disso, a convergência de ambos no que tange a frustração com

o Ocidente e a necessidade de criar um ambiente pacífico para a resolução das crises econômicas que então ocorriam fez com que ambos os países buscassem certa aproximação.

5.2 PADRÕES DE COMPORTAMENTO E PERCEPÇÕES ENTRE 2001 E 2011

O movimento começado no final dos anos 1990 toma um forte impulso depois do ano 2000, com a coincidência de Vladimir Putin e Recep Erdogan no poder da Rússia e da Turquia, respectivamente. Desde de 2001, com a assinatura do "Plano de Ação para a Cooperação na Eurásia", estabeleceram-se consultas mútuas e regulares, a cooperação nos setores de energia, turismo e defesa além de um imenso aumento no comércio bilateral. O Plano de Ação destaca as transformações ocorridas no mundo, abrindo uma oportunidade única para o aumento da cooperação e parceria entre os dois países. Declara-se a necessidade de diálogo e cooperação para a resolução dos conflitos na Eurásia e o esforço efetivo no combate ao terrorismo internacional (RÚSSIA, 2001; KINIKLIOGLU, 2006). A "Declaração Conjunta" de 2004 evidencia que Rússia e Turquia "registram com satisfação o aprofundamento e desenvolvimento dos fundamentos políticos, econômicos, e sociais das relações bilaterais e o reforço de uma atmosfera de confiança mútua e de solidariedade". Além disso, o documento também trata da convergência de interesses e opiniões entre diversos assuntos, como a questão dos Estreitos Turcos, o combate ao terrorismo, a cooperação na região do Mar Cáspio e do Mar Negro (RÚSSIA, 2004a).

O desapontamento de ambos os países com o Ocidente se fortaleceu após a virada do século e pode ter sido essencial para uma cooperação cada vez mais ativa. Como afirma BALCER (2009), para a Turquia "as relações com os EUA pioraram em consequência das políticas unilaterais da administração Bush, especialmente depois da invasão ao Iraque em 2003, enquanto que as relações com a UE foram afetadas pela desaceleração das negociações de adesão, por conta da relutância de membros-chave da UE". De fato, a invasão ao Iraque foi um importante denominador comum entre Rússia e Turquia na rejeição mútua ao Ocidente, principalmente os EUA. Para a Turquia, a invasão estadunidense ao Iraque poderia levar a completa desestabilização e o surgimento de um Estado Curdo no norte desse país. De tal forma, ações violentas do PKK poderiam se tornar mais frequentes, desestabilizando imensamente o Estado Turco. Assim, qualquer iniciativa estadunidense nas regiões do Cáucaso e do Mar Negro passou a ser percebida com extrema desconfiança, da mesma forma que as revoluções coloridas criaram um sentimento de cerco tanto para os turcos quanto para os russos. A retórica

democrática adotada por esses movimentos e propagandeada pelos EUA levantaram sinais de alerta nos dois países, haja vista suas ambíguas relações com a democracia liberal.

A mudança do padrão de comportamento turco nas relações bilaterais com a Rússia, principalmente a partir da ascensão do AKP, também deve ser compreendida num contexto mais amplo de transformação da Política Externa Turca. A nova política formulada por Ahmet Davutoglu (que encabeçou o Ministério de Relações Exteriores a partir de 2009 mas influenciou fortemente seus antecessores, Ali Babacan e Abdullah Gül) fazia referência ao passado otomano, às ligações históricas com o mundo muçulmano e demonstrava a América Latina, a Ásia e a África como novas áreas de interesse. A grande novidade em relação às políticas passadas era a sua expressão estratégica, o pragmatismo e a vontade política de fazer exercer a força geográfica, histórica e cultural da Turquia (DOGAN, 2015). Nesse sentido, buscava-se privilegiar o multilateralismo e a construção de mundo multipolar.

Para Kirisçi (2009), esse novo engajamento turco na esfera internacional, buscando relações amistosas com seus vizinhos e com as demais grandes potências, a construção de estruturas regionais de segurança, o aumento do comércio internacional, o fortalecimento das instituições multilaterais, a expansão dos vínculos bilaterais com os mais diversos países do mundo, está relacionado a ascensão do chamado Estado Comercial na Turquia. O Estado Comercial seria ensejado pela ascensão de novos atores domésticos na sociedade civil, principalmente relacionados à esfera dos negócios, fruto de mais abertura política e econômica na Turquia. Esse pluralismo na sociedade turca alterou a forma como a política externa era construída, que a partir da ascensão desses novos atores precisava tomar diferentes interesses em consideração, afastando-se da tradicional elite burocrático-militar que ditava os rumos da Política Externa até então. O Estado Comercial seria a superação da Turquia belicosa dos anos 1990 e, consequentemente, buscaria superar os conflitos internos e externos existentes anteriormente, de modo a estabelecer relações amistosas com todos, expandir as oportunidades de negócios e fortalecer a posição internacional da Turquia.

A partir dessas transformações internas e no cenário internacional, a percepção turca acerca das relações bilaterais russo-turcas reforçou o que já estava sendo praticado desde o final dos anos 1990, afastando-se da ideia de iminente ameaça para a possibilidade de cooperação mais frutífera. Com o gradativo distanciamento da Turquia em relação aos seus tradicionais aliados ocidentais, a Rússia, com a qual agora mantinha convergência quanto a questão do Iraque e do Afeganistão, o programa nuclear do Irã, a normalização das relações turco-armenas, além de crescente interdependência econômica, aparentava ser uma excelente aliada na condução de sua nova política externa, buscando o favorecimento de relações amistosas com

todos os seus vizinhos. De fato, as relações bilaterais se expandem à níveis inéditos, havendo inúmeras trocas de visitas oficiais, como em 2005, quando realizaram-se inéditos quatro encontros do Presidente Putin com o Primeiro Ministro Erdogan, incluindo uma reunião de cerca de sete horas (KINIKLIOGLU, 2006). O volume comercial entre os dois países também se elevou enormemente, principalmente as importações turcas de gás e petróleo. A partir de 2007, as mercadorias russas alcançavam a liderança entre as importações turcas. Contudo, os acontecimentos no ano seguinte demonstraram limitações nas relações russo-turcas.

A percepção de Ankara acerca das relações bilaterais foi negativamente alterada pela crise da Geórgia, em 2008. Para Torbakov (2008, p. 11), com a Guerra dos 5 Dias, a Rússia "demonstrou sua vontade política e prontidão em usar todos os meios ao seu dispor na persecução de seus objetivos estratégicos", além de reforçar sua predominância no sul do Cáucaso, submetendo um país que até então era muito próximo à Turquia. De fato, como ressalta Akturk (2016), o processo de integração do Cáucaso liderado pela Turquia sofreu uma grande derrota e a crise do Cáucaso em 2008 marcaria o início de um período de fortes atritos entre Rússia e Turquia. Com a intervenção russa, Ankara percebeu um país muito mais assertivo na manutenção de seus interesses, capaz de atos de força e provável ator hegemônico na região (TORBAKOV, 2008). Warhola e Mitchell (2006), acrescentam que para a Rússia a busca por relações mais próximas com a Turquia pode ter sido ensejada justamente para a criação de uma estrutura econômica e política favorável para a reafirmação russa como potência hegemônica nos territórios na ex-URSS. Nesse sentido, sua tese foi confirmada pela atitude turca na crise da Geórgia. Comportamentos que seriam percebidos como fonte de ameaça e poderiam escalar em conflitos maiores, na nova conjuntura foram minorados e limitados dentro da resolução pacífica e sem confrontar diretamente nenhum dos lados. A Turquia acabou encontrando-se em difícil situação diplomática como aliada histórica da OTAN e parceira (e dependente economicamente) de Moscou, precisando agir cautelosamente no sentido de desarmar a crise provocada pela tentativa de envio de ajuda humanitária pelos EUA. De fato, como o próprio Primeiro Ministro Erdogan expressou,

> um dos lados é o nosso mais próximo aliado, os EUA. O outro lado é a Rússia com quem temos importante volume comercial. Dois terços de nossa demanda energética são supridos pela Rússia. Estamos agindo com base no nosso interesse nacional. Nós não podemos ignorar a Rússia (MILLIYET, 2008).

O enorme volume comercial entre os dois países refere-se, principalmente à energia, sendo a Rússia responsável, em 2008, por mais de 60% do suprimento de gás da Turquia

(TORBAKOV, 2008). A dependência econômica gerada pelos estreitamento dos vínculos russo-turcos e a histórica aliança com a OTAN criaram um delicado problema para a Turquia.

Na conjuntura de crise, Ankara reconheceu que inúmeros interesses político-econômicos seus - principalmente na Geórgia e no Azerbaijão - estavam vulneráveis. Para contornar a situação sem se aliar a um dos lados do conflito e para tentar trazer alguma estabilidade, a Turquia propôs a criação da PCEC, que, entretanto, não foi bem sucedida. Tal sistema de segurança ia de encontro aos anseios russos de exclusão de potências externas e buscaria solucionar os conflitos do Cáucaso, entretanto, a posição mais assertiva de Moscou e os diversos conflitos não resolvidos na região enfraqueceram a possibilidade de sucesso de tal institucionalidade. Para Torbakov (2008), "A ressurgência de Moscou determinou os limites para a reaproximação russo-turca", quais sejam a não confrontação de interesses estratégicos. A intervenção russa também ressuscitou, para a Turquia, a percepção de uma Rússia perigosa e desestabilizadora, o que conflitava com sua política de "zero problema com seus vizinhos". Ao reconhecer a independência da Abecásia e da Ossétia do Sul e inserir tropas em seus territórios, a Rússia passava a ser percebida como uma potência contrária ao *status quo* que até então beneficiava a Turquia, país este que necessitava um ambiente estável e seguro para a continuidade de suas prósperas relações com o Azerbaijão e a Geórgia (WINROW, 2009).

Nesse tema, a situação aproximou-se do que Stein (2013) denominou "dilema de *status*", um problema semelhante ao chamado "dilema de segurança", entretanto envolvendo também a busca da manutenção e reforço do *status* internacional. Assim, a Rússia ao intervir no Cáucaso buscava manter sua posição como garantidora da segurança e potência hegemônica na região. A Turquia por seu lado, percebeu tal atitude como uma ameaça ao *status quo* na área e ao seu próprio papel como aliada do Azerbaijão e da Geórgia. Portanto, enquanto a Rússia atuava para manutenção do *status quo* e, consequentemente de seu *status* internacional, a imagem percebida por Ankara era exatamente oposta à projeção, entendendo os atos russos como uma afronta ao *status quo* da região. Tal percepção equivocada quanto a imagem que o Estado Russo buscava projetar, deve-se provavelmente a incompletude da informação acerca do interesse russo e possivelmente não ocorreria se houvesse pleno entendimento turco acerca das motivações e crenças desse Estado. Se a Turquia também priorizasse seu *status* internacional, os dois países poderiam entrar em uma espiral de competição. De fato, apesar da Turquia ter percebido as ações russas no Cáucaso como uma ameaça ao *status quo*, a Turquia preferiu adotar uma posição mais conciliadora na questão, não competindo mais agressivamente com a Rússia. A posição adotada pela Turquia é reflexo de sua problemática posição, entre a

aliança com os EUA e a dependência energética da Rússia, e de sua opção de política externa voltada para a resolução pacífica dos conflitos e o multilateralismo.

Tal posição conciliadora é evidenciada na forma como o governo turco lidou com a questão dos Estreitos, mantendo-se fiel a Convenção de Montreux e, dessa forma, restringindo o acesso às potências externas. O mesmo também se evidencia na proposição da PCEC. Tais atitudes serviram para elevar a percepção russa da Turquia. Pela primeira vez, o Mar Negro e os problemas do Cáucaso ficavam restritos à esfera regional e não tornavam-se arena de embate das grandes potências, perspectiva tal defendida em Moscou desde 1993, com a introdução da política para seu "estrangeiro próximo".

Apesar desse episódio, as lideranças de Moscou e Ankara empenharam-se em manter as relações em alto nível. No ano seguinte os dois países realizaram a importante "Declaração Conjunta sobre o Progresso para um Novo Estágio nas Relações" pela qual expressam sua satisfação pelo estado das relações bilaterais e pelo crescente aumento de contatos regulares entre as duas administrações. Ressaltou-se que a cooperação "serve aos interesses de ambos os países e contribui consideravelmente para a paz, segurança, estabilidade e desenvolvimento pela vasta geografia Eurasiana" (TURQUIA, 2009). Pela declaração, os dois Estados reconheciam a necessidade de estabilização do sul do Cáucaso como parte necessária para estabilização da Eurásia como um todo, acordando em tomar todas as medidas necessárias para resolver os conflitos congelados lá existentes. Nesse sentido, a PCEC foi reconhecida como uma "iniciativa construtiva" que "ajudaria a superar a falta de confiança que se observa entre os países que são parte dos conflitos congelados". O empenho em manter o *momentum* das relações também é percebido pela importante viagem do Presidente Medvedev a Ankara, em 2010, quando estabelece-se o Conselho de Cooperação de Alto-Nível.

O volume de comércio bilateral entre os dois países também recuou após os eventos em 2008. Entretanto, deve-se ressaltar que a crise do mercado imobiliário norte-americano afetou o comércio mundial como um todo, prejudicando a análise dessa variável. Contudo, ressalta-se que o volume comercial alcançado em 2008 nunca mais se verificou, pelo contrário, em anos mais recentes, a Rússia, cujas importações turcas provenientes desse país representaram cerca de dezenove bilhões de dólares em 2017, seria ultrapassada pela Alemanha e a China na pauta de importações turcas. Pelo lado das exportações, o mesmo fenômeno se verificou (TURQUIA, 2018a). Tal processo pode indicar a mudança de percepção das autoridades turcas e a tentativa de diminuição da dependência econômica em relação à Rússia. Além disso, Ankara também buscou meios de diversificação das fontes de energia, justamente para escapar da sobre-dependência em relação à Rússia, principalmente pelo desenvolvimento das capacidades

nucleares. Entretanto, mesmo nesse âmbito, a Turquia necessita do apoio técnico russo para a construção da planta nuclear em Akkuyu.

Com a crise no Cáucaso, demonstraram-se limitações claras para o aprofundamento das relações bilaterais e a noção de parceria estratégica entre os dois países. Para Winrow (2009), depois da crise da Geórgia, "o argumento de que Turquia e Rússia partilham interesses em comum na região como potências do status quo não mais se mantém". Ankara precisou rever sua política para com a Rússia, sem, no entanto, ter muito espaço de manobra por conta da dependência energética. A proposta de uma Plataforma de Estabilização surgiu nesse contexto, um meio de buscar a resolução dos conflitos do Cáucaso sem entrar em atrito com a Rússia. De qualquer forma, as relações russo-turcas mantiveram-se em alto nível até 2011, já que a posição conciliadora turca nos eventos de 2008 evitou maiores confrontos entre os dois países.

Em resumo, a Turquia apresentou uma perceptível mudança na forma de se relacionar com a Federação Russa e de lidar com os problemas que surgiram ao longo das duas décadas analisadas. A mudança nas relações bilaterais pode ser medida quantitativamente - entre 1991 e 2001 foram firmados cerca 24 documentos (entre tratados, protocolos, memorandos, declarações e acordos), contra cerca de 45 na década seguinte - como qualitativamente, destacando-se os importantes documentos de 2001, 2004 e 2009 que apreciavam e buscavam ensejar o aumento da cooperação entre os dois países. Além disso, em 2010 as duas nações ainda formaram uma comissão de alto nível para a consulta bilateral nas mais diversas matérias e, portanto, aprofundaram suas relações bilaterais. Assim, percebe-se que a cooperação dominou a agenda dos dois países na primeira década dos anos 2000, enquanto no período anterior as questões abordadas, em geral, limitavam-se à problemas mais imediatos, como o terrorismo, e serviram para atenuação da percepção de ameaça existente entre os dois.

6 CONCLUSÃO

As relações russo-turcas transformaram-se enormemente desde o fim da Guerra Fria. Antigos padrões de comportamento, baseados na competição e na desconfiança mútua, construídos ao longo de séculos de história em comum, na virada do século XX para o XXI, pareceram se enfraquecer e dar lugar a novos comportamentos incomuns à dinâmica histórica existente até então entre os dois países. A construção desse novo padrão de comportamento partiu da mudança das percepções mútuas entre o Estado Turco e o Russo superando os entraves e atritos que até então impediam tal aproximação. A similitude entre os dois países contribuiu nesse processo. Ambos servem como ligação entre a Europa e a Ásia, ambos formaram grande impérios ao longo de suas histórias, ambos possuem projetos de integração eurasianos, ambos têm relações complexas com o modelo de democracia liberal ocidental. Contudo, a posição geográfica desses países, a incompatibilidade de alianças e até de projetos nacionais, gerou limites para tal relacionamento.

Historicamente, as duas nações construíram o que parece ser uma tendência à antagonização. O expansionismo do Império Russo e sua pretensão para a conquista de posições junto aos mares quentes e o domínio sobre os Estreitos de Bósforo e Dardanelos gerou um conflito que se estendeu por século e gerou uma antipatia histórica refletida na suspeita com que o Estado Turco lidou com a Rússia mesmo após o fim dos Impérios. As relações amistosas evidenciadas logo após a Revolução de Outubro e a Guerra de Independência Turca também se desvaneceram rapidamente, assim que a Rússia Soviética requisitou maior influência sobre os Estreitos. A antagonização frequente entre os dois países gerou um padrão histórico que parece se impor ao longo do tempo. Contudo, tal padrão não deve ser mero construto social das lideranças turcas e russas mas sim, resultado de uma maior divergência quanto à questões de interesse inerentes à própria natureza dos Estados Russo e Turco e à sobreposição de zonas de influência. A proximidade geográfica entre os dois e seus interesses nacionais divergentes fizeram com que ambos tentassem se projetar sobre zonas próximas, notadamente o Cáucaso e a Ásia Central. Da mesma forma, a presença russa em áreas junto ao Mar Negro e a busca de liberdade de trânsito de seus navios pelos Estreitos são necessidade próprias ao desenvolvimento da capacidade de projeção internacional do Estado Russo e de seu bem estar econômico.

A oposição quanto aos projetos nacionais também se evidenciou no século XX. A Turquia, por meio de Kemalismo, buscou replicar e adaptar as instituições ocidentais para sua realidade e, por conta disso, manteve-se sempre próxima dos países ocidentais. A Rússia, com

a Revolução de 1917, buscou trilhar um caminho alternativo e acabou isolada pelo resto do mundo, incluindo a Turquia que logo adentrou à OTAN. Mesmo após o conflito geopolítico que marcou o século XX, a diferença de projetos ainda se evidenciou, haja vista a impossibilidade da Rússia incluir-se positivamente na comunidade internacional ou pela sua marginalização e antagonização pelas institucionalidades ocidentais. Uma certa convergência de interesses nacionais entre Turquia e Rússia só apareceu, de fato, em fins dos anos 1990, criando um momento quase inédito em séculos de história em comum.

As perspectivas turcas acerca das relações bilaterais com a Rússia no pós Guerra Fria são, portanto, marcadas pelas transformações ocorridas na Rússia e, portanto, da sua forma de projeção no cenário internacional, de acontecimentos internacionais condicionantes ao relacionamento entre os dois países e fatores domésticos à própria Turquia. O quadro a seguir resume a alternância de perspectivas, evidencia os fatores condicionantes e acontecimentos que marcaram as relações bilaterais resultantes dessas percepções:

Quadro 1 - Comparativo entre as diferentes percepções acerca das relações russo-turcas

(continua)

Nível das Relações Bilaterais	Percepções Turcas	Condicionantes/Determinantes	Acontecimentos
Relações amistosas pós Guerra Fria	● Rússia fragilizada; ● Rússia voltada à reformas democráticas e liberalizantes; ● Oportunidade de expansão de zona de influência na Ásia Central e no Cáucaso;	● Turquia como modelo de Estado democrático e liberal - ponte entre o autoritarismo soviético e as democracias ocidentais; ● Resignação russa; ● Pan-turquismo;	● Aproximação turca às recém independentes ex-Repúblicas Soviéticas; ● Inclusão de países da Ásia Central em instituições lideradas pela Turquia;
Competição anos 1990	● Retorno da percepção de ameaça; ● Desconfiança e cautela;	● Reorientação política externa russa (retorno da priorização do "estrangeiro próximo" na estratégia de segurança); ● Retorno da suspeição mútua; ● Ressentimento russo em relação às institucionalidades ocidentais; ● Recrudescimento da violência PKK/chech.	● Forte competição no Cáucaso; ● Competição de baixa intensidade na Ásia Central; ● Apoio turco aos chechenos; ● Retaliação russa amparando o PKK; ● Mísseis cipriotas; ● Revisão do Estatuto;

(continuação)

Nível das Relações Bilaterais	Percepções Turcas	Condicionantes/Determinantes	Acontecimentos
Aproximação em fins de 1990	• Rússia como possível parceira; • Início de aproximação;	• Descontentamento em relação ao Ocidente; • Crise econômicas domésticas; • Gradativa desconstrução da percepção de ameaça resultante do apoio à organizações separatistas;	• Crescente volume comercial; • Congelamento dos conflitos no Cáucaso em *status quo* cômodo; • Esvaziamento ameaça PKK e chechenos; • Amenização da retórica russa contra novo Estatuto;
Cooperação multidimensional - anos 2000	• Rússia como parceira estratégica; • Forte promoção de relações amistosas;	• Invasão ao Iraque - descontentamento em relação ao Ocidente; • Convergências das políticas externas de Rússia e Turquia;	• Plano de Ação para Cooperação; • Declaração Conjunta de 2004; • Intenso aumento das relações comerciais; • Convergência quanto a questão do Iraque, Afeganistão, Irã, etc.
Demonstração das limitações nas relações bilaterais em 2008	• Rússia como fonte de desestabilização; • Ameaça ao *status quo*.	• Crise no Cáucaso; • Divergências estratégicas evidenciadas; • Dependência turca; • Reduzida capacidade de manobra turca.	• Guerra dos Cinco Dias; • Oposição OTAN-relações russas; • Questão dos Estreitos; • Proposição da PCEC; • Declaração Conjunta de 2009; • Redução do volume comercial.

Fonte: elaborada pelo próprio autor.

O período marcado pela década de 1990 mostrou-se, de certa forma, parecido com o padrão histórico. A fragilidade demonstrada pelo Estado Russo no início desse momento ensejou uma tentativa de execução de maior projeção por parte da Turquia nas suas regiões vizinhas, o que foi logo contestado por Moscou. Os dois países passaram então a testar suas capacidades, os limites de suas áreas de influência e de sua projeção internacional nos Estados vizinhos. Isso resultou em uma forte competição, principalmente no Transcáucaso, que só se encerrou em fins daquela época, quando alcançou-se um determinado *status quo* relativamente satisfatório para ambos os países. A utilização de instrumentos de pressão como a revisão do Estatuto dos Estreitos, os movimentos separatistas e/ou terroristas, os mísseis destinados ao Chipre foram elementos de forte conflito mas, de certa forma, forçaram os dois países a

desarmar certas disputas e a manter o *status quo* na região. O gradativo afastamento da Turquia em relação ao movimento separatista checheno e da Rússia em relação ao PKK fortaleceu as perspectivas de confiança entre os dois países e a noção de que ambos não visavam o constrangimento às suas soberanias ou suas integridades territoriais.

De tal forma a cooperação evidenciada em fins do século XX pode frutificar, fortalecendo-se na primeira década do século seguinte. Tal fenômeno foi beneficiado pela convergência de perspectivas de ambos os governos de então, o AKP na Turquia e Putin na Rússia, assim como as fortes contestações às ações unilaterais realizadas pelos EUA nas esfera internacional e a promoção do multilateralismo e da perspectiva da construção de um mundo multipolar. As inúmeras declarações e documentos em conjunto propondo o aprofundamento das relações bilaterais evidenciam a tentativa de Ankara e Moscou em construir um polo de poder alternativo na região, em oposição à unilateralidade norte-americana evidente no início desse século. O relacionamento aprofundado abrange também a esfera econômica, principalmente o aumento da exportação de gás para a Turquia, em tal quantidade que o país se veria dependente dos russos.

A crise de 2008 evidenciou a incapacidade de tal relacionamento em superar certas divergências estratégicas e expôs os limites de tal relação. A Turquia, apesar de ser parceira comercial da Rússia e convergir em diversos aspectos, é aliada da OTAN, privilegia suas relações com os EUA e ainda busca se inserir na UE. Seu comportamento independente na esfera internacional é fruto de sua posição estratégica, o que lhe garante capacidade de manobra para ora se aproximar, ora se afastar dos aliados ocidentais. Evidentemente, a super dependência energética em relação à Rússia colocou limites quanto ao seu espaço de manobra e exigiu maior cautela por parte das lideranças de Ankara. Por outro lado, a Rússia precisou garantir a boas relações com Ankara haja vista sua posição estratégica para a exportação de sua principal *commodity* para o interior da Europa. As relações profundas com a Turquia também permitiram que a Rússia voltasse a exercer maior projeção sobre seu "estrangeiro próximo", evitando maiores conflitos com as potências ocidentais.

De toda forma, apesar da Guerra dos Cinco Dias não ter criado maiores danos às relações bilaterais principalmente por conta da vontade de ambos os países em não prejudicar um relacionamento tão profundo e importante, evidenciou-se um ciclo descendente nos anos posteriores. Como esse conflito demonstrou, as relações se mantiveram amistosas conquanto os interesses de ambos não contrastassem consideravelmente. As divergências que surgiram nos anos subsequentes à 2011, a Primavera Árabe e a Guerra Civil Síria, o conflito na Ucrânia e a anexação russa da Crimeia, demonstraram que ambos os países possuem projetos, interesses,

percepções e crenças divergentes. A parceria construída em torno da contestação ao ocidentalismo e da parceria econômica foi, então, quase rompida. A intervenções russas no Transcáucaso, já em 2008, demonstraram que ambos os países poderiam se encontrar novamente em campos opostos.

Apesar do acontecido, as relações amistosas desenvolvidas ao longo dos anos 2000 foram uma etapa praticamente inédita da história dos dois países. As mudanças nas percepções turcas desde os anos 1990 ficaram evidenciadas na forma como o relacionamento entre os dois países se desenvolveu e na própria retórica adotada por ambos quando da elaboração de documentos em conjunto. Tais percepções adaptaram-se às imagens projetadas pela Rússia, foram condicionadas pelos acontecimentos externos conjunturais e/ou estruturais e os problemas domésticos enfrentados pelo Estado Turco. De toda forma, o relacionamento desenvolvido por esses países durante o período e a forma como os dois solucionaram seus conflitos também determinou os limites para a perspectiva de competição ensejada pelo padrão de comportamento evidenciado por séculos de história.

As relações russo-turcas enfrentaram novos momentos de turbulência no período posterior ao abordado pelo trabalho. Com o início da Guerra Civil Síria em 2012, a intervenção russa na questão e o problema turco com a ascensão do PKK e de outras organizações curdas de resistência na Síria os dois países enfrentaram um dos períodos mais difíceis das relações bilaterais recentes. Tal qual a crise da Geórgia, novamente, as relações bilaterais atingiram seu limite, manifestado, enfim, pela derrubada da aeronave russa pelas forças armadas turcas em 2015, o que o Presidente Putin qualificou, à época, como uma "facada nas costas" (FRANCE PRESSE, 2015). De toda forma, logo os dois países reataram suas relações bilaterais e Erdogan encontrou Moscou como poderosa aliada quando da tentativa de sua derrubada, no ano seguinte. A partir de então, a Turquia se afastou cada vez mais de seus pares ocidentais e está ensejando relações muito próximas à Rússia, haja vista a onda de golpes de Estado, “revoluções” e impedimentos que transformaram a geopolítica não só regional, mas do mundo como um todo. Nesse contexto, os dois governos sentiram certa necessidade de se apoiar, limitando os conflitos resultantes da Guerra na Síria.

As ações adotadas pela Rússia nos anos recentes também alteraram o modo como o mundo e, em especial, a Turquia, percebem esse ator. A anexação unilateral da Crimeia por parte da Rússia, sua intervenção informal na Guerra Civil Ucraniana e sua intervenção direta no conflito sírio fortaleceram a percepção da Rússia como um ator engajado na manutenção (ou até na restauração) do seu *status*. A Rússia da segunda década do século XXI é percebida como um país muito mais atuante na esfera internacional, já não mais restrito à sua esfera limítrofe

mas sim, expandindo seus interesses estratégicas para áreas mais longínquas, como o Oriente Médio e quiçá as próprias eleições estadunidenses. A Turquia precisou adaptar-se, à medida do possível, a esse padrão de comportamento ensejado pela Rússia, tendo em vista suas profundas relações econômicas e políticas com esse pais, sem, no entanto, deixar de lado seus interesses estratégicos, principalmente na Síria. Com as idas e vindas de seu vizinho do norte, a percepção turca das relações bilaterais também se alterou qualitativamente, acompanhada pelas transformações estruturais do Sistema Internacional e as próprias mudanças na política turca.

REFERÊNCIAS

AKTÜRK, Şener. The Crisis in Russian-Turkish Relations, 2008-2015. **Russian Analytical Digest**, [s.l.], n. 179, p. 2-4, fev. 2016;

_____. Turkish–Russian Relations after the Cold War (1992–2002). **Turkish Studies**, [s.l.], v. 7, n. 3, p.337-364, set. 2006. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1080/14683840600891034;

ALLISON, Roy. Virtual regionalism, regional structures and regime security in Central Asia. **Central Asian Survey**, London, v. 27, n. 2, p.185-202, jun. 2008. http://dx.doi.org/10.1080/02634930802355121;

ARAS, Bülent. Davutoğlu Era in Turkish Foreign Policy. **Seta Policy Brief**, Ankara, n. 32, p.1-16, maio 2009;

ASLUND, Anders. **How Capitalism was Built**. Cambridge University Press: New York, 2007;

AYDIN, Mustafa. Turkish Policy Toward the Caucasus. **Connections**, vol. 1, no. 3, 2002, pp. 39–48. Disponível em: <www.jstor.org/stable/26322952> Acessado em: 15 ago. 2018;

AYIN TARIHI. Ankara: Departamento de Comunicação da Presidência da República da Turquia, maio de 1992. Disponível em: <http://ayintarihi.iletisim.gov.tr/turkce/date/1992-05-30>. Acesso em: 11 mai. 2018;

_____. Ankara: Departamento de Comunicação da Presidência da República da Turquia, janeiro de 1995. Disponível em: <http://ayintarihi.iletisim.gov.tr/turkce/date/1995-01-30>. Acesso em: 11 mai. 2018;

_____. Ankara: Departamento de Comunicação da Presidência da República da Turquia, dez. 1997. Disponível em: <http://ayintarihi.iletisim.gov.tr/turkce/date/1997-12-30> Acessado em: 11 mai. 2018;

_____. Ankara: Departamento de Comunicação da Presidência da República da Turquia, abril 2001. Disponível em: <http://ayintarihi.iletisim.gov.tr/turkce/date/2001-04-30> Acessado em: 11 mai. 2018;

BAEV, Pavel; KIRISCI, Kemal. An Ambiguous Partnership: The serpentine trajectory of Turkish-Russian relations in the era of Erdogan and Putin. **Brookings**: The Turkey Project, Washington, n. 13, p.1-22, set. 2017;

BARLAS, Dilek. Turkish Diplomacy in the Balkans and the Mediterranean. Opportunities and Limits for Middle-power Activism in the 1930s. **Journal Of Contemporary History**, Londres, v. 40, n. 3, p.441-464, jul. 2005. SAGE Publications. http://dx.doi.org/10.1177/0022009405054565;

BENLI, Meliha; TÜR, Osli. **Turkey:** Challenges of Continuity and Change. Routledge: New York, 2005;

BRAUN, Aurel. **NATO-Russia Relations in the Twenty-First Century**. Routledge: Nova York, 2008;

CHIPRE. Ministério de Relações Exteriores. **A Questão do Chipre**. Disponível em: <http://www.mfa.gov.cy/mfa/PermRep/PermRep_Brussels.nsf/page32_en/page32_en?OpenDocument> Acessado em: 05 out. 2018;

CONSELHO DA EUROPA. **Protocol amending the European Convention on the Suppression of Terrorism**. Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/conventions/full-list/-/conventions/treaty/190> Acessado em: 05 out. 2018;

CONSELHO SOBRE RELAÇÕES EXTERIORES. **Conflito de Nagorno-Karabakh.** Disponível em: <https://www.cfr.org/interactives/global-conflict-tracker#!/conflict/nagorno-karabakh-conflict>. Acessado em: 20 jul. 2018;

DEFENCE COUNCIL OF WESTERN ARMENIA. **Treaty of Moscow**. Disponível em: <http://www.deutscharmenischegesellschaft.de/wp-content/uploads/2011/01/Vertrag-von-Moskau-16.-M%C3%A4rz-1921.pdf> Acessado em: 20 set. 2018;

DEMIRTEPE, Turgut; HAS; Kerim; ÖZDAL, Habibe; ÖZERTEM, Hasam. **Turkey-Russian Relations in the Post-Cold War Era:** Current Dynamic, Future Prospects. USAK Center for Eurasian Studies: Ankara, 2013;

DOGAN, Erhan. Continuity and Change in Turkish Foreign Policy During the JDP Governments. **Przegląd Strategiczny**, Varsóvia, n. 7, p.263-279, 20 dez. 2015. Adam Mickiewicz University Poznan. http://dx.doi.org/10.14746/ps.2014.1.20;

DONALDSON, Robert H.; NADKARNI, Vidya; NOGEE, Joseph L. **The Foreign Policy of Russia:** Changing Systems, Enduring Interests. 5. ed. Londres: Routledge, 2015;

DONNE, John apud HEMINGWAY, Ernest. **Por quem os Sinos Dobram. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013;**

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (Ed.). **Treaty of Küçük Kaynarca**. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Treaty-of-Kucuk-Kaynarca>. Acessado em: 27 ago. 2018;

FORSBERG, Tuomas; HELLER, Regina; WOLF, Reinhard. Status and emotions in Russian foreign policy. **Communist And Post-communist Studies**, [s.l.], v. 47, n. 3-4, p.261-268, set. 2014. Elsevier BV. http://dx.doi.org/10.1016/j.postcomstud.2014.09.007;

FRICKENSTEIN, Scott G. The Resurgence of Russian Interests in Central Asia. **Air & Space Power Journal**: Maxwell, vol. 24, ed. 1. p. 67-74, 2010. Disponível em: <https://search.proquest.com/docview/375024796?pq-origsite=gscholar> Acessado em: 03 set. 2018;

FULLER, William. **Strategy and Power in Russia:** 1600-1914. The Free Press: New York, 1992;

GOEMANS, H. E.. **War and Punishment:** The Causes of War Termination & the First World War. Princeton University Press: Princeton, 2000;

GÖKAY, Bürent. **Soviet Eastern Policy and Turkey, 1920-1991:** Soviet Foreign Policy, Turkey and Communism. Routledge: Nova York, 2006;

_____. The Turkish Independence War and Bolshevik Russia: Some New Aspects in the Light of Soviet Documents. **Turkish Studies Association Bulletin**, Bloomington, volume 18, no. 2, p. 41-57, 1994. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43384472> Acessado em: 07 set. 2018;

GUNTER, Michael. Transnacional Sources of Support for the Kurdish Insurgency in Turkey. **Conflict Quarterly**, New Brunswick, vol. 11, n. 2, p. 7-29, 1991 . Disponível em: <https://journals.lib.unb.ca/index.php/JCS/article/viewFile/14947/16016> Acessado em: 07 set. 2018;

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos:** O Breve Século XX 1914-1991. 2ª ed. Editora Schwacz: São Paulo, 1997;

HOWARD, Harry N. The Turkish Straits After World War II: Problems and Prospects. **Balkan Studies**: Tessalônica, vol. 11, ed. 1, p. 35-60, 1970;

JERVIS, Robert. **Perception and Misperception in International Politics**. Princeton University Press: Princeton, 1976;

_____. Signaling and Perception: Drawing Inferences and Projecting Images. In: MONROE, Kristen (ed.). **Political Psychology**. Lawrence Erlbaum Associates: Mahwah, 2002, p. 293-314;

KELKITLI, Asli. **Turkish-Russian Relations:** Competition and Cooperation in Eurasia.1ª ed. New York: Routledge, 2017;

Kınıklıoğlu , Suat. The Anatomy of Turkish-Russian Relations. **Insight Turkey**, Ankara, vol. 8, n. 2, jun. 2006, p. 81-96;

KIRISÇI, Kemal. The transformation of Turkish foreign policy: The rise of the trading state. **New Perspectives On Turkey**, [s.l.], v. 40, p.29-56, 2009. Cambridge University Press (CUP). http://dx.doi.org/10.1017/s0896634600005203;

KOTZ, David; WEIR, Fred. **Russia's Path from Gorbachev to Putin:** The Demise of the Soviet System and a New Russia. Routledge: New York, 2007;

LUCA, Anthony R. de. Soviet-American Politics and the Turkish Straits. **Political Science Quarterly**, Nova York, v. 92, n. 3, p.503-524, 1977. Wiley. http://dx.doi.org/10.2307/2148505;

MILLIYET. Comentário do Primeiro Ministro Erdogan. apud ALIRIZA, Bulent. Turkey and the Crisis in the Caucasus. Center for Strategic and International Studies. 9 set. 2008. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/turkey-and-crisis-caucasus> Acessado em: 9 out. 2018;

NYGREN, Bertil. Putin's Attempts to Subjugate Georgia: From Sabre-Rattling to the Power of the Purse. In: KANET, Roger (Ed.). **Russia:** Re-Emerging Great Power. Nova York: Palgrave Macmillian, 2007. p. 107-123;

ONIS, Ziya. Multiples Faces of the "New" Turkish Foreign Policy: Underlying dynamics and a critique. **Insight Turkey**: [s.l.], 2011;

ORGANIZAÇÃO DA COOPERAÇÃO ECONÔMICA DO MAR NEGRO. Carta da Organização. Disponível em: <http://www.bsec-organization.org/charter> Acessado em: 22 out. 2018;

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS. UNFICYP Fact Sheet. Disponível em: <https://peacekeeping.un.org/en/mission/unficyp> Acessado em: 23 out. 2018;

_____. Convenção Internacional para a Supressão ao Financiamento do Terrorismo. Disponível em: <https://treaties.un.org/pages/ViewDetails.aspx?src=IND&mtdsg_no=XVIII-11&chapter=18&clang=_en> Acessado em: 25 out. 2018;

OYE, David. Russian Foreign Policy 1815-1917 in LIEVEN, Dominic. **The Cambridge History of Russia**: Imperial Russia 1689-1917. 2º Volume. Cambridge University Press: Cambridge, 2006;

PAPADOPOULOS, Demetris. **Russia and the Annan Plan.** 2016. Disponível em: <https://cyprus-mail.com/2016/04/26/tassos-papadopoulos-russia-and-the-annan-plan/>. Acessado em: 26 set. 2018;

PHILLIPS, James; ANDERSON, James. **Defusing the Missile Crisis in the Aegean.** 1998. Disponível em: <https://www.heritage.org/europe/report/defusing-the-missile-crisis-the-aegean>. Acesso em: 25 set. 2018;

PILLALAMARRI, Akhilesh. The United States Just Closed Its Last Base in Central Asia. **The Diplomat.** Tóquio, 10 jun. 2014. Disponível em: <https://thediplomat.com/2014/06/the-united-states-just-closed-its-last-base-in-central-asia/>. Acessado em: 12 jul. 2018;

POGHOSYAN, Benyamin. **The Current State and Prospects of Armenia-Turkey Relations.** 2018. Disponível em: <https://worldview.stratfor.com/article/current-state-and-prospects-armenia-turkey-relations>. Acessado em: 25 ago. 2018;

RÚSSIA. Embaixada da Federação Russa na Turquia. From Bilateral Cooperation to Multidimensional Partnership. 2001. Disponível em: <http://www.turkey.mid.ru/relat_2_t.html> Acessado em: 5 set. 2018;

_____. Embaixada da Federação Russa na Turquia. Visita de Davutoglu à Rússia. 2009 Disponível em: <http://www.turkey.mid.ru/hron/pr_t_26.html> Acessado em: 07 set. 2018;

_____. MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES. . **Declaração Conjunta.** 2004a. Disponível em: <http://www.mid.ru/ru/maps/tr/-/asset_publisher/Fn23Klb76LY2/content/id/453582>. Acesso em: 20 set. 2018;

_____. Ministério de Relações Exteriores. Transcrição da Conferência de Imprensa Conjunta. 2008. Disponível em: <http://www.mid.ru/en/vistupleniya_ministra/-/asset_publisher/MCZ7HQuMdqBY/content/id/326594> Acessado em: 08 set. 2018;

_____. Presidência. Conversa entre Presidente Russo e Primeiro Ministro Turco. 2010 Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/48816> Acessado em: 08 set. 2018;

_____. Presidência. Declaração de Imprensa após conversas russo-turcas. 2004b. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/22731> Acessado em: 02 set. 2018;

_____. Presidência. Lista de Documentos Assinados. 2004c Disponível em: <http://en.kremlin.ru/supplement/3932> Acessado em: 02 set. 2018;

_____. THE FOREIGN POLICY CONCEPT OF THE RUSSIAN FEDERATION. 2000. Disponível em: <https://fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/econcept.htm> Acessado em: 29 set. 2018;

RUYSDAEL, Salomon; YÜCEL, Vedat. **New Trends in Turkish Foreign Affairs: Bridges and Boundaries**. Lincoln: Writers Club Press, 2002;

SEZER, Duygu. Turkish-Russian Relations: From Adversity to "Virtual Rapprochement". In: MAKOVSKY, Alan; SAYARI, Sabri. **Turkey's New World**: Changing Dinamics in Turkish Foreign Policy. The Washington Institute for Near East Policy: Washington, 2000. p. 92-115;

SHEEHAN, Michael. **The Balance of Power**: History & Theory. Routledge: New York, 2000;

STEIN, Janice Gross. Threat Perception in International Relations. **Oxford Handbooks Online**, [s.l.], p.1-37, 4 set. 2013. Oxford University Press. http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199760107.013.0012;

TANRISEVER, Oktay. Turkey and Russia in Eurasia. In: KERIDIS, Dimitris; MARTINS, Lenore. **The Future of Turkish Foreign Policy**. Cambridge: MIT Press, 2004, p. 127-156;

THEOPHANUS. Andreas. Revisiting the Cyprus Question and the Way Forward. 2017. Disponível em: <http://turkishpolicy.com/article/841/revisiting-the-cyprus-question-and-the-way-forward> Acessado em: 02 out. 2018;

TORBAKOV, Igor. The Georgia Crisis and Russia-Turkey Relations torbakov. **The Jamestown Foundation**, Washington, v. , p.1-33, 2008;

TURQUIA. Instituto Turco de Estatística. **Indicadores Estatísticos.** 1995-2017. Disponível em: <http://www.turkstat.gov.tr/UstMenu.do?metod=gorevYetki>. Acessado em: 30 set. 2018a;

_____. Ministério de Relações Exteriores. Acordo de Cooperação na Indústria de Defesa. 2002. Disponível em: <http://ua.mfa.gov.tr/detay.aspx?6489> Acessado em: 01 nov. 2018;

_____. Ministério de Relações Exteriores. Acordo de Cooperação na Área Veterinária. 1999a. Disponível em: <http://ua.mfa.gov.tr/detay.aspx?6538> Acessado em: 01 nov. 2018;

_____. Ministério de Relações Exteriores. Acordo sobre Isenção de Visto. 1999b. Disponível em: <http://ua.mfa.gov.tr/detay.aspx?6278> Acessado em: 01 nov. 2018;

_____. Ministério de Relações Exteriores. Acordo sobre Promoção de Investimentos. 1999c. Disponível em: <http://ua.mfa.gov.tr/detay.aspx?6451> Acessado em: 01 nov. 2018;

_____. Ministério de Relações Exteriores. Declaração Conjunta. 2009. Disponível em: <http://www.mfa.gov.tr/joint-declaration-between-the-republic-of-turkey-and-the-russian-federation-on-progress-towards-a-new-stage-in-relations-and-further-deepening-of-friendship-and-multidimentional-partnership_-moscow_-13-february-2009.en.mfa> Acessado em: 3 de nov. 2018;

_____. Ministério de Relações Exteriores. Implementação da Convenção de Montreux. Disponível em: <http://www.mfa.gov.tr/implementation-of-the-montreux-convention.en.mfa> Acessado em: 2018b;

_____. Ministério de Relações Exteriores. Memorando de Cooperação sobre Combate ao Terrorismo. 1996. Disponível em: <http://ua.mfa.gov.tr/detay.aspx?5395> Acessado em: 05 nov. 2018;

_____. Ministério de Relações Exteriores. Memorando de Entendimento. 1998. Disponível em: <http://ua.mfa.gov.tr/detay.aspx?5816> Acessado em: 05 nov. 2018;

_____. Ministério de Relações Exteriores. **Relações Políticas com a Federação Russa.** Disponível em: <http://www.mfa.gov.tr/turkey_s-political-relations-with-russian-federation.en.mfa>. Acesso em: 11 mai. 2018c;

UN COMTRADE (Comp.). **Database.** 1995. Disponível em: <https://comtrade.un.org/>. Acesso em: 2 nov. 2018;

URAS, Umut; VARSHALOMIDZE, Tamila. What is Russia's end game in Afrin? Al Jazeera. Doha, p. 1-2. 23 jan. 2018. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/indepth/features/russia-green-light-turkeys-afrin-offensive-180123064315810.html>. Acesso em: 02 ago. 2018;

WARHOLA, James; MITCHELL, William. The Warming of Turkish-Russian Relations: Motives and Implications. **Demokratizatsiya**: The Journal of Post-Soviet Democratization, [s.l.], v. 14, n. 1, p.127-143, 1 jan. 2006. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.3200/demo.14.1.127-143;

WEITZ, R.. Russian-Turkish Relations: Steadfast and Changing. **Mediterranean Quarterly**, v. 21, n. 3, p.61-85, 1 jul. 2010. Duke University Press. http://dx.doi.org/10.1215/10474552-2010-016;

WILHEMSEN, Julie. Between a Rock and a Hard Place: The Islamisation of the Chechen Separatist Movement. **Europe-Asia Studies**, vol. 57, n. 1, jan. 2005, p. 35-59;

WINROW, Gareth. Turkey, Russia and the Caucasus: Common and Diverging Interests. Briefing Paper. Chatham House, 2009. Disponível em: <https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/public/Research/Europe/bp1109turkey.pdf > Acessado em: 07 set. 2018;

_____. Turkish Policy toward Central Asia and the Transcaucasus. In: MAKOVSKY, Alan; SAYARI, Sabri. **Turkey's New World**: Changing Dinamics in Turkish Foreign Policy. The Washington Institute for Near East Policy: Washington, 2000. p. 116-130;

YANIKDAG. Yucel. Ottoman Empire/Middle East. Disponível em: <https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/ottoman_empiremiddle_east> Acessado em: 01 jun. 2018